

Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes

ALICE ROGER BOMBARDI

Diário de uma estudante empírica:
arte e educação

São Paulo
2022

ALICE ROGER BOMBARDI

Diário de uma estudante empírica:
arte e educação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.
Orientadora: Prof. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

São Paulo
2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

B695d

Bombardi, Alice Roger, 1997-

Diário de uma estudante empírica : arte e educação / Alice Roger Bombardi. - São Paulo, 2022.

124 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes

1. Arte e educação. 2. Diários. 3. Livros de artistas. 4. Aprendizagem. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707.1

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

ALICE ROGER BOMBARDI

Diário de uma estudante empírica:

arte e educação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Aprovado em: 28 de novembro de 2022

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Rita Luciana Berti Bredariolli — Orientadora
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Prof. Dr^ª. Priscila Leonel de Medeiros Pereira — Pós-doutoranda na ECA
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

Agradecimentos

À Profª. Drª. Rita Luciana Berti Bredariolli, pela orientação e pelos encontros com as mais diversas referências enriquecedoras que me inspiraram a querer ler, criar e sonhar, por reconhecer meu trabalho como relevante para a área de arte/educação e deixando-me livre para voar.

Aos meus pais, Roberto e Ana, que foram minhas primeiras referências de artistas, por me deixarem falar pelos cotovelos nos almoços e jantas contando cada fragmento do meu dia. Por me deixarem expressar livremente por meio da arte, seja quando eu desenhava pelas paredes da casa, ou quando pediam para customizar capacete da bicicleta ou solicitando opiniões de cores para casa. Por quererem compartilhar comigo suas interpretações sobre os desenhos das embalagens e até de filmes e séries. Por dizerem diversas vezes quando eu era pequena enquanto rabiscava pelas paredes que eu seria a artista plástica da família, antes mesmo de eu entender o que isso era, pois, a palavra plástica me deixava confusa e hoje eu entendo. Por me oferecerem todas as estruturas possíveis para eu trilhar meu caminho e me permitir a plasticidade na vida. Serei eternamente grata!

Aos meus irmãos, Quinho e Lipe, pelas brincadeiras, conversas, risadas, aventuras, choros e acolhimentos. Pela amizade mais verdadeira e profunda da minha vida.

À Técnica Vera Cozani, que sempre foi generosa comigo em compartilhar seus conhecimentos e maneira de ver a vida. Por me acolher sempre, desde o ingresso no Instituto de Artes à retomada dele pós pandemia me oferecendo espaço nos ateliês e encontros para cafezinho a tarde na sua sala para conversar e dar conselhos sobre tudo e todas as coisas. Por ser a referência de educadora que pretendo me espelhar.

Ao Pedro Meurer e sua família, por me acolherem e olharem para minhas produções com carinho, me incentivando a continuar a criar. Às aventuras que vivenciamos no meio da natureza enquanto compartilhavam os seus próprios saberes sobre esse verde, isso me ofereceu um olhar mais sensível para com o mundo, me estimulando a retratar as belezas nas coisas que arrastam barriga no chão, como escrevia o poeta Manoel de Barros.

À Prof. Drª. Priscila Leonel de Medeiros Pereira, por ser minha mestra da argila, do tempo e da educação.

Aos meus amigos, Maluzinha e Caio, mesmo longe se fazem presentes e são presentes na minha vida.

Ao meu primo Gui, que sempre acreditou em mim.

À Luah Souza que topou ler o meu trabalho e que iluminou minha mente e coração nos momentos mais difíceis da escrita. Além de ser uma artista referência para mim, se tratando da sua poética com o carinho aos descartes do mundo.

Ao Diogo e Rita que são muito queridos em minha vida desde sempre.

Eu tive que reduzir a fonte para caber mais um pouco, pois percebi que eu faria um livro imenso só para agradecer a todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória de vida e descrever cada coisa que aprendi com cada uma delas. Carrego todos no meu coração e mente, pois foram essenciais para me tornar quem eu sou. Obrigada!



Em memória de Teco e suas gatices.

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

— Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? — Pergunta Kublai Khan.

— A ponte não é sustentada por esta ou por aquela pedra — responde Marco —, mas pela curva do arco que estas formam.

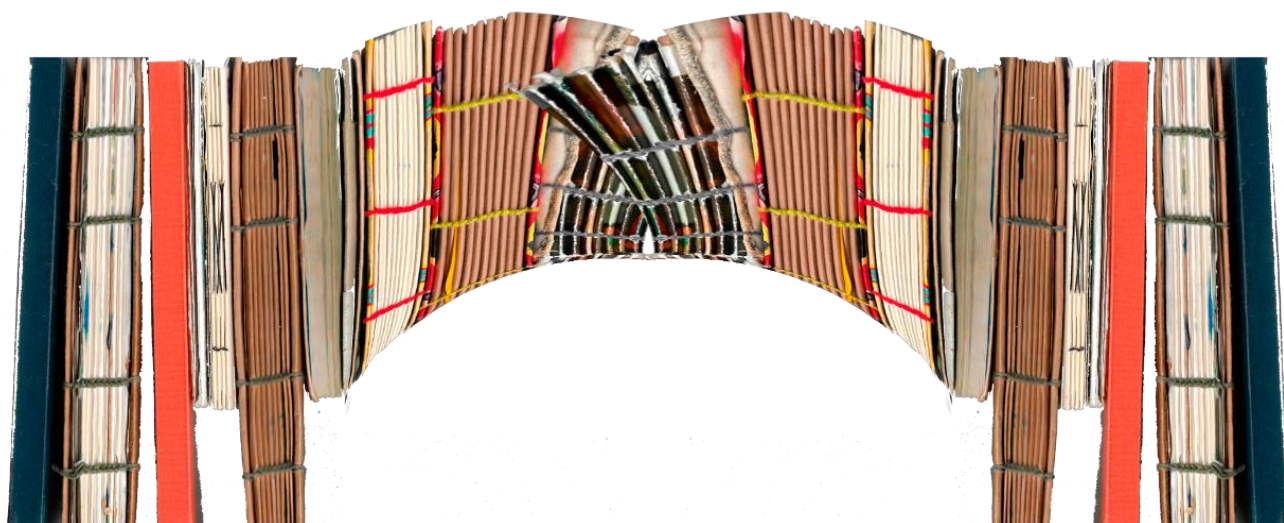
Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

— Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.

Polo responde:

— Sem as pedras o arco não existe.

Italo Calvino, 1971.



RESUMO

O presente trabalho narra, em forma de diário, algumas situações e fatos vividos pela estudante Alice em sua formação de licenciatura em Artes Visuais na UNESP entre os anos de 2018 e 2022. As vivências coletadas dentro e fora da universidade são examinadas em conjunto com as reflexões de alguns teóricos da educação. O processo aqui descrito é produto de uma auto análise de uma estudante e futura professora. No cuidado da mediação com o outro, analisa como determinadas situações contribuem para o exercício como educadora, e convida o leitor a atentar-se para as próprias relações do dia a dia de aprendizado por meio do afeto e autoconhecimento.

Palavras-chaves: Arte. Arte-educação. Mediação. Afetos. Autoconhecimento.

ABSTRACT

The present work narrates, in the form of a diary, some situations and facts experienced by the student Alice in her degree in Visual Arts at UNESP between the years of 2018 and 2022. The experiences collected inside and outside of the university are examined through the thoughts of some education theorists. The process here described is the product of the self-analysis of a student and future teacher. Taking the needed care of the mediation with the other, analyzes how certain situations contribute to the work as an educator, and invites the reader to pay attention to his own day-to-day relationships of learning through affection and self-knowledge.

Keys words: Art. Art-education. Mediation. Affections. Self-Knowledge.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	11
2 - Capítulo I - Papéis: da materialidade à relação	15
Nossos papéis	16
Coletando e colecionando papéis e olhares	19
3 - Capítulo II - Caderno: costurando narrativas	23
Cadernos artesanais: acolhimento por meio de costuras com afeto	26
Caderninhos retratos	30
Caderninhos como recurso didático de mediação	38
4 - Capítulo III - Livro: ler para escrever, escrever para ler	42
Iniciação ao hábito de ler: reconhecimento de si através das palavras e imagens	43
O livro como experiência: mediando relações	46
5 - Capítulo IV - Biblioteca: lugar dos vínculos	50
Primeiro encontro	52
Ausência	54
Expandindo horizontes	54
Acolhimento pela BIA - Biblioteca do Instituto de Artes	55
Conhecendo outras bibliotecas	58
Lugares de auto atualização	64
6 - Capítulo V - Oficina: aprendendo em ação com afeto	68
Elaborando coletivamente uma oficina de didática - Nosso Livrão	69
Brincando de criar uma história ilustrada	101
Ideia de oficina: caderninhos autorretratos	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	109
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	111
ANEXOS	115

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende ser meu diário de estudante em que reuni algumas das minhas experiências dentro e fora da universidade e que impactam em minha visão como futura educadora. Atenta aos aprendizados desde o ensino formal, não formal e informal que perambulam entre salas de aula, ateliês, vivências universitárias, ruas, bibliotecas, espaços públicos e educação familiar, pois enxergo que são lugares de estudos valiosos para pensar e aplicar uma educação crítica, libertadora e decolonial por um viés mais holístico e pessoal.

Inspiro-me numa escrita como na obra literária “Minha Vida de Menina” de Helena Morley, que publicou seu diário de juventude, sendo hoje reconhecido como obra literária que traz aspectos históricos e sociais. Assim como em Morley, o presente trabalho busca compartilhar de maneira livre e solta conectando ações do cotidiano e vivências que despertaram memórias e que foram acolhidas e compreendidas em meio às minhas investigações sobre arte e educação.

Tendo como base uma perspectiva de educação libertadora e decolonial, inspiro-me na obra de bell hooks “Ensinando a Transgredir”, em que a autora traz relatos de experiências pessoais dentro e fora da sala de aula como uma forma de contribuir na prática educacional de que seja mais verídica, sincera e real com os gostos e desgostos da profissão como professora. Há também inspiração no livro “A Teoria da Ficção”, de Ursula K. Le Guin, em que a autora busca construir uma Estória com “e” que seja coletiva e contra hegemônica, quando traz outras vozes e criações para dentro de seu trabalho, busco aplicar isso quando convindo a partilha das experiências das pessoas que vivenciaram algumas ações educativas que serão aqui tratadas, para ver outros ponto de vistas da estória.

O eixo da pesquisa é a educação mediada pela relação entre pessoa/objeto, objeto/pessoa, pessoa/pessoa com a arte e lugares. A começar pelo uso de uma linguagem informal como forma de se apropriar do espaço acadêmico de maneira mais acessível. Há ilustrações espalhadas por entre as páginas, que são fragmentos dos cadernos que acompanharam minha formação. As imagens, que retratam o que é narrado, são fotografias colagens, inseridas com o intuito de tornar mais palpável a descrição do que foi citado e vivenciado.

Ainda que reconhecendo as normas ABNT e a importância de uma linguagem e formato padrão para a difusão de conhecimento de forma acessível entre os

acadêmicos, percebo que há uma limitação dos tipos de linguagens e formatos na representação no campo de pesquisa em artes.

Uma das autoras que uso como referência é Anita Novaes Prades, que em sua dissertação "TRAJETÓRIAS DE UM FIO DE RIO: Narrar por imagens no contexto do livro ilustrado" fala do rompimento com as normas ABNT

Nesse sentido, há o reconhecimento da relevância da visualidade, da dimensão artística e das possibilidades educativas como aspectos que permeiam o ato da pesquisa, visando uma composição holística do trabalho. Essa intenção investigativa se aproxima de novas modalidades de pesquisa emergentes, como a Pesquisa Baseada em Arte (PBA) e a Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA)², que, de acordo com o professor Belidson Dias, caracterizam-se por “metodologias de pesquisa atualmente reconhecidas e cada vez mais bem aceitas na academia” (DIAS In DIAS; IRWIN, 2013, p. 23). Avaliando que “essas novas formas de expressão acadêmica surgiram da inadequação dos discursos acadêmicos correntes em alcançar as especificidades na pesquisa em artes” (Idem), Dias evidencia que se tratam de linhas metodológicas não convencionais que se desenvolvem a partir da crítica aos modelos tradicionais de pesquisa: O argumento-chave para essas metodologias é que elas, ao enfatizarem a produção cultural da cultura visual, rompem, complicam, problematizam e incomodam as metodologias normalizadas e hegemônicas que são aquelas que estabelecem, formatam, conduzem, concebem e projetam o conceito de pesquisa acadêmica em artes, educação e arte/educação. A PBA e a PEBA buscam deslocar intencionalmente modos estabelecidos de se fazer pesquisa e conhecimentos em artes, ao aceitar e ressaltar categorias como incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, visualização e dinamismo (DIAS In DIAS; IRWIN, 2013, p. 23). (PRADES, 2019, p.17-18.)

Os capítulos foram divididos não em forma cronológica dos acontecimentos, até porque há digressões em meio aos relatos de experiências, mas em seções de lugar e tipo de material/formato a que se referem. Seguindo a sequência segmentada entre papel, caderno, livro, biblioteca e oficina.

O capítulo “Papéis: da materialidade à relação” traz questionamentos quanto aos nossos papéis como seres que se relacionam e se preenchem. A metáfora se estende para a matéria quando busco compreender de onde vem meu gosto por colecionar papéis, que ficam à espera de uma função e que mais adiante chegam a encontrar um papel. Nesse primeiro eixo, trabalho com o que se descartou, como algo a ser aproveitado usando a criatividade e expandindo suas potencialidades em conjunto com o cuidado do espaço. É também uma forma de registrar os costumes e dinâmicas do curso de artes visuais pelo Instituto de Artes da UNESP que acabaram por tornarem-se pequenas tradições. Por fim, abro para compartilhar os achados na

literatura sobre o papel do professor, aluno e do meio pelo qual acontece essa “passagem” do conhecimento.

O capítulo “Caderno: costurando narrativas” procura entender os motivos que levam as pessoas e a mim a produzirem o caderno de forma artesanal e como isso impacta nas nossas vidas. Trata-se do suporte que foi importante para nós reconhecermos a partir de anotações, desenhos, colagens, onde se pode organizar as ideias, registrar o tempo e se permitir um auto acolhimento. Com o exercício de nos revisitarmos através do folhear das páginas do caderno temos a ativação das memórias, decantação dos conhecimentos aprendidos, percepção da nossa evolução e mais clareza dos nossos interesses. Isso teve início com os suportes artesanais que foram convidativos e acolhedores e que inspiraram a construir os meus próprios cadernos como uma forma de autoconhecimento, arte e recurso didático. Ressaltando assim a importância de suportes para registro e reconhecimento do outro na educação.

O capítulo Livro: “ler para escrever, escrever para ler” trata de como a iniciação ao hábito de ler foi importante para minha escrita, autoestima, empatia e no conhecer de novas metodologias, já que ler é como conversar com os pensamentos de outros pesquisadores, escritores, pessoas. Ao mesmo tempo, reconheço a imagem como forma de comunicação legítima no mesmo patamar que a escrita. Trago também um dos trabalhos desenvolvidos em grupo durante a disciplina de prática de ensino de artes, no qual abordo o tema das culturas visuais no universo da ilustração de livros, investigando imagem e palavra na literatura, rompendo com classificações sobre o tipo de livro e público-alvo.

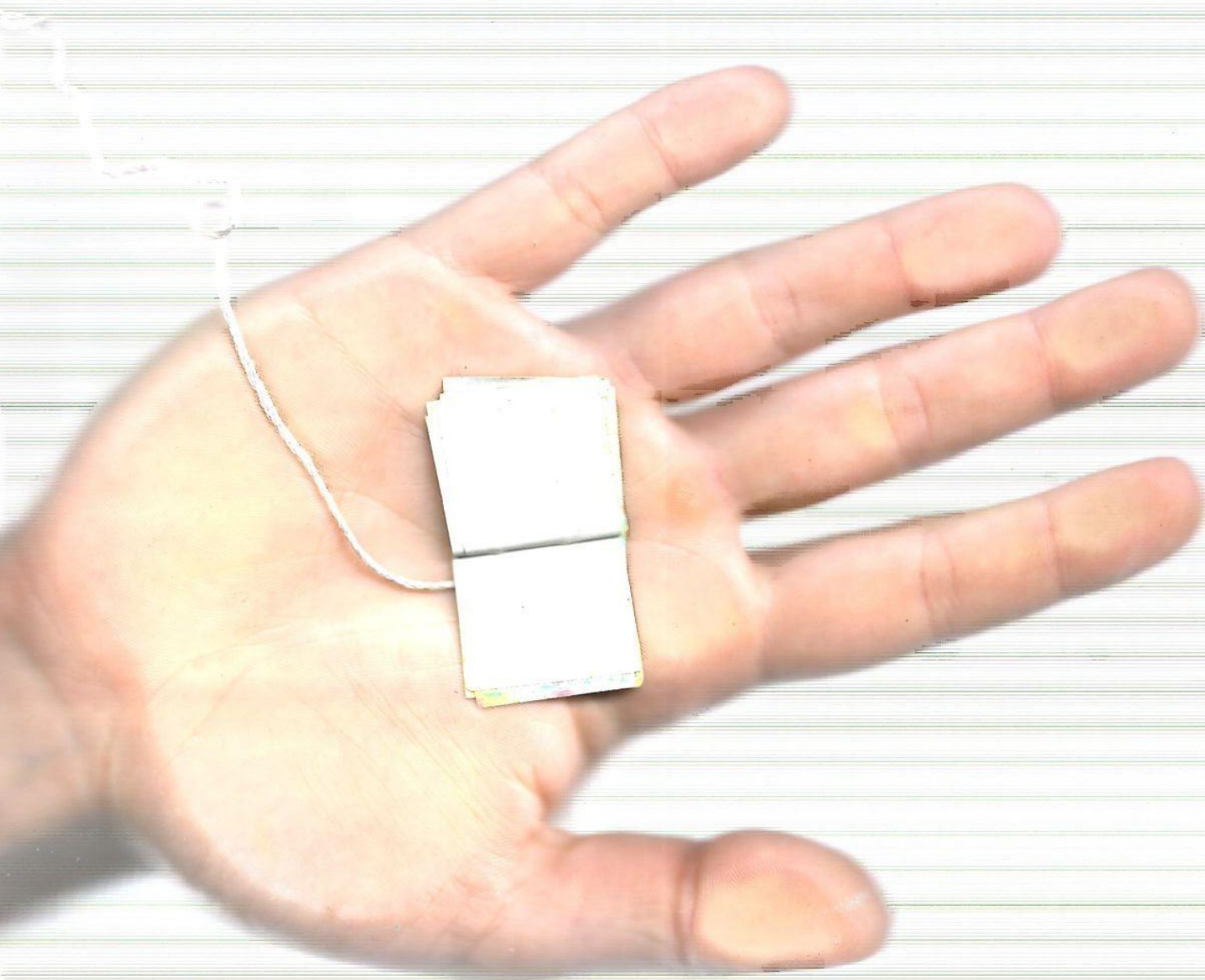
O capítulo “Biblioteca: lugar dos vínculos” trata da partilha neste espaço que permitiu encontros (com o outro e comigo mesma) para apropriação e pertencimento do conhecimento. Conta a trajetória de como busquei o saber de maneiras a me atualizar por meio dos vínculos com o espaço, livros e oficinas. Falo de uma vivência de oficina sobre “O livro ilustrado como experiência” que despertou muitas questões para o presente trabalho, afinal, a biblioteca é um espaço de eterna formação e registro da humanidade.

No capítulo “Oficina: aprendendo em ação com afeto” compartilho minhas experiências de criação coletiva na educação: sendo a primeira a oficina mediada por uma proposta da disciplina de Didática na formação em licenciatura, a segunda com um brincar na educação informal e a terceira, uma ideia e desejo de aplicar uma oficina

a partir de toda a elaboração retratada ao longo do presente trabalho, unindo tudo o que foi aprendido e despertado neste pequeno diário de uma vida universitária na licenciatura em artes visuais.



2 - Capítulo I - Papéis: da materialidade à relação



Nossos papéis

Que papéis temos na vida dos outros? Quais papéis os outros têm em nossas vidas? Falo por mim, para que você pense por e em você. Eu, enquanto escrevia este trabalho de conclusão de curso, tive um início e meio para uma jornada que seguirá ao longo da minha vida. Hoje tenho os seguintes papéis: neta, filha, irmã, prima, amiga, parceira, aluna, assistente, artista, nora, cunhada, vizinha, conhecida, pessoa e futuramente professora. Eu me reconheço como exploradora neste mundo, aberta às experiências do ouvir e ser ouvida, em meio aos meus diversos papéis, que não são soltos e vão só se ampliando, como páginas de um caderno ou de um livro onde vou narrando, desenhando e escrevendo minhas histórias.

Vou começar a escrever aqui como um contar. As experiências ao longo da minha graduação foram importantes para chegar onde estou, deixar de relatar trabalhos que foram feitos durante a minha formação nestes anos seria negar a existência deste próprio trabalho, já que foram de suma importância para construção da pesquisa em curso hoje. Tendo em vista a experiência como uma maneira de saber, como descrita por Jorge Larrosa “O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos.” (LAROSSA, 2002, p. 24), busquei por essas linhas tecer relatos de experiências e análises assim como um diário de uma viajante, um diário de sala, um caderno de estudante ou um livro de artista.

Uma jornada de coletas sensíveis que foram e são feitas por meio desses encontros e propostas dentro das salas e ateliês do Instituto de Artes, que foram transbordando para além do muro universitário e indo para meu cotidiano, me permitindo reconhecer algumas ações que já estavam ocorrendo fora desses espaços institucionalizados e que têm igualmente o valor de conhecimento através de simples atos cotidianos, como atentar-se ao outro. Isso só foi possível graças à mediação pela e sobre a arte, o falar e o fazer, o conhecer e o compartilhar, o que afeta e o que é afetado.

Aqui me aparo em uma pedagogia libertadora e transgressora como proposta pela bell hooks (seguidora de Paulo Freire que atualizou o seu pensamento sobre educação com a inserção de pautas sobre salutogênese, racismo e feminismo), em vários ensaios críticos como de Walter Benjamin que tratam de reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, em Jacques Ranciere e seu livro "O mestre

Ignorante", em que observa a ideia de educação e autonomia além da capacidade de cada aprender pelo conhecimento universal sendo "Ensino Universal: aprender qualquer coisa e a isso relacionar todo o resto, segundo o princípio de que todos os homens têm igual inteligência." (RANCIERE, 2013, p.38), em Larrosa, que traz a diferença entre conhecimento que passa pela experiência e o que não, sendo o primeiro mais significativo para a formação de sujeitos, em Vygotsky, que traz uma perspectiva da psicologia para análise da educação, em Edith Derdyk, que trata do livro no campo da arte, também os objetos, convivências, criações e a experiência estética em si. E por fim, busquei apoio em Cecilia Almeida Salles em seu livro "Gesto inacabado: processo de criação artística" quando busco compreender a minha maneira de expressar e compreender o mundo com a arte e vejo semelhanças com a educação quando traço um paralelo de ser um processo inacabado e eterna transformação, se formar como professora não é deixar de aprender e sim continuar aprendendo e se transformando conforme a sociedade segue, assim como a arte. A arte e educação estarão sempre lado a lado na minha prática pedagógica e no meu olhar para o mundo.

Alfredo Bosi comenta sobre as três vias de reflexão estética em seu livro Reflexões Sobre a Arte, através de sua síntese das elaborações do teórico Luigi Pareyson, propondo que o processo artístico acontece em 3 momentos – que podem se dar simultaneamente: o fazer, o conhecer e o exprimir. Percebo a forma como cada um desses momentos ocorreram em toda a minha graduação e vida, sendo a base para toda reflexão crítica, autoconhecimento e mediação com o outro, hoje após a extensa formação em licenciatura reconheço e percebo por todos os lugares que passo.

Conversando com a artista e professora Priscila Leonel, com quem tive a oportunidade de trabalhar como assistente em oficinas de cerâmica no SESC Pompeia, comentei sobre o meu grande medo e pressão de escrever o trabalho de conclusão de curso. Ela, muito sábia e sensível, disse a mim que esse trabalho não precisa ser imenso e que fala mais sobre nós e nosso trajeto durante a graduação do que propriamente o outro, no sentido de que é um exercício para si no mundo e o que eu elaborei com todos os afetos e desafetos, reflexões e inquietações nessa jornada. Ela me fez as seguintes perguntas centrais: Como e com o que a formação em licenciatura em artes visuais contribuiu na minha reflexão crítica e prática no dia a dia? A Priscila Leonel é uma pessoa que me lembra muito bell hooks tanto na sua prática

quanto no acolhimento por meio de compartilhar sua própria experiência. Após nossa conversa me lembrei muito de um trecho do livro "Ensinando a transgredir" em que bell escreve "Quais valores e hábitos de ser refletem meu/nosso compromisso com a liberdade?" (HOOKS, 2013, p. 41). Me fez pensar na minha formação e no futuro exercício como educadora de maneira mais significativa, em como posso colaborar para a prática de uma educação libertadora começando comigo mesma, reconhecendo minhas experiências durante a formação e tendo paciência com meus aprendizados. Acredito que se eu me reconheço, eu reconheço o outro e o experiencio.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Imaginar-se como futura professora é estar atenta ao espaço do outro e pensar como atuar com esse papel.

No papel de professora, tive de abrir mão da minha necessidade de afirmação imediata do sucesso no ensino (embora parte da recompensa seja imediata) e admitir que o certo ponto de vista ou de um processo. O aspecto empolgante de criar na sala de aula uma comunidade onde haja respeito pelas vozes individuais é que o retorno é bem maior, pois os alunos se sentem, de fato, livres para falar - e responder. (HOOKS, 2013, p. 60)



Coletando e colecionando papéis e olhares

O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS
 Uso a palavra para compor meus silêncios,
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
 às que vivem de barriga no chão
 tipo água pedra sapo.
 Entendo bem o sotaque das águas.
 Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que a dos mísseis.
 Tenho em mim esse atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
 Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
 Queria que minha voz tivesse um formato de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Manoel de Barros, 2016

Apesar de nunca ter tido muitos livros em casa – os que existem hoje só começaram a brotar a partir da minha biblioteca pessoal que inaugurei após ingressar na universidade – antes disso, mesmo com sua ausência, sempre tive uma apreciação por eles, principalmente pela materialidade do papel com sua diversidade de cores, formatos, texturas e ainda por cima uma avaliação dos tipos de impressões que aprendi com a sabedoria do meu pai. Roberto Bombardi, meu pai, é técnico mecânico gráfico, profissional responsável em consertar máquinas gráficas de impressão offset, que imprimem longas tiragens de panfletos, embalagens, cadernos, revistas e livros entre outras coisinhas possíveis e imagináveis de se imprimir. Até hoje, quando aparece em casa alguma caixa de embalagem de comida como torradas ou congelados, gostamos de desmontá-las para ver onde foi impresso para notar qual gráfica que produziu e assim conferir se meu pai já prestou serviço para aquela empresa. Além das caixas o mesmo ocorre com os livros.

Nas gráficas onde meu pai é chamado para montagem, desmontagem e manutenção sempre há produtos impressos como testes e muitos outros com

pequenos defeitos que são descartados, e ele muitas vezes trouxe e ainda traz para nossa casa dando um outro fim que não seja o lixo. Além disso, algumas gráficas possuem lojas ou mesmo brindes que meu pai sempre me trazia: cadernos, agendas, cadernetas, calendários, bloquinhos de papéis e às vezes lápis, lapiseiras e canetas. Com isso desenvolvi um carinho enorme pelas papelarias e dos menores papéis aos maiores, inclusive com seus “defeitos” de impressão, responsáveis pelo seu descarte e por dar a eles outros fins.

Quase como um exercício de criatividade, os rastros de histórias impressas na superfície dos papéis descartados acabavam por estabelecer novos diálogos com sua nova função, de modo que eu ficava elaborando cenários com isso, como ao utilizar folhas impressas das bíblias para forrar a caixa de areia dos meus gatos. Pensava no significado dos felinos no Egito antigo em que eram vistos como sagrados e que existiram muito antes da palavra cristã, o ato de urinar em cima do papel me pareceu, na minha confabulação, uma afirmação de sua superioridade pela presença física, quase como se estivessem demarcando um território de adoração entre os humanos.

A partir daí surge meu gosto por colecionar papéis e outros materiais que, às vezes, são separados em pastas por cor, texturas e temas. Com meu pai, aprendi a perceber e reconhecer a qualidade dos materiais e suas possibilidades, e a produzir novas formas de uso do que era descartado. Tal como quando compramos os dicionários para escola e eles começam a ter “orelhas”, por terem uma capa flexível que acaba esbarrando no interior da bolsa com outros materiais escolares, que causam amassados nas pontas das páginas. Meu pai, percebendo a deterioração do pequeno livro de significados, teve a brilhante ideia de protegê-lo ao criar uma capa de encaixe justamente com os papéis cartões das embalagens descartadas das gráficas, que corrigiu os amassados que tinham aparecido e que nunca mais voltaram a aparecer, inclusive me recordo de alguns colegas de sala que acharam legal e me pediram para que meu pai fizesse para eles também.

Mais tarde, durante a minha formação, esse mesmo olhar para os materiais disponíveis e suas potencialidades se tornou um exercício dentro dos ateliês do Instituto de Artes da UNESP, espaços formativos para artistas, seja pela falta de condições como também para ampliar a propriedade dos trabalhos incluindo novos significados que o material pode dar a obra. As orientações sempre vinham dos professores José Spaniol e Agnus Valente, mas o que principalmente me estimulou nessa prática de ressignificações foi a discussão crítica sobre os materiais artísticos

vendidos nas lojas de Arte e os que temos disponíveis ao nosso alcance nas disciplinas de desenho e projetos bidimensionais do professor Sérgio Romagnolo, que com propostas e exercícios de colagens e diferentes vertentes de materiais, acabou por incentivar o ato de coletar e colecionar esses itens descartados. Para nos inspirar, ele trazia referências de artistas reconhecidos em seus próprios ateliês, outros acumuladores repetindo à sua maneira poética no ato de recolher objetos.

Em alguns casos, o processo criativo provoca modificações na matéria-prima escolhida fazendo com que essa ganhe artisticidade. Os objetos utilizados nas apropriações nas artes plásticas são exemplos absolutamente concretos do que estamos discutindo – colocados em contexto artístico, passam à arte. São escolhidos, saem de seu contexto de significado primitivo e passam a integrar um novo sistema direcionado pelo desejo daquele artista. Ampliam, assim, seu significado e ganham natureza artística.

Isto nos leva a afirmar que a expressividade artística não é intrínseca a esta ou aquela matéria-prima. Sob esta perspectiva, todas têm potencialidades, tudo depende do uso que será feito dela. (SALLES, 2004, p. 72-73).

No Instituto de Artes há a tradição de ocorrer um "bota-fora" todo final de ano, que é uma ação de limpeza dos ateliês antes das férias para começarem do zero e serem ocupados com a nova turma no ano seguinte. Então todos os estudantes recebem um comunicado para retirar os seus materiais e trabalhos, com um aviso de uma semana. Caso não façam, o que ficou vai para o Bota-fora. Para ser mais exata, é feito um mutirão de estudantes para retirada de todos os materiais e trabalhos que ficaram nos ateliês, que são dispostos no térreo para doação – e aquilo que sobra dessa doação é descartado depois.

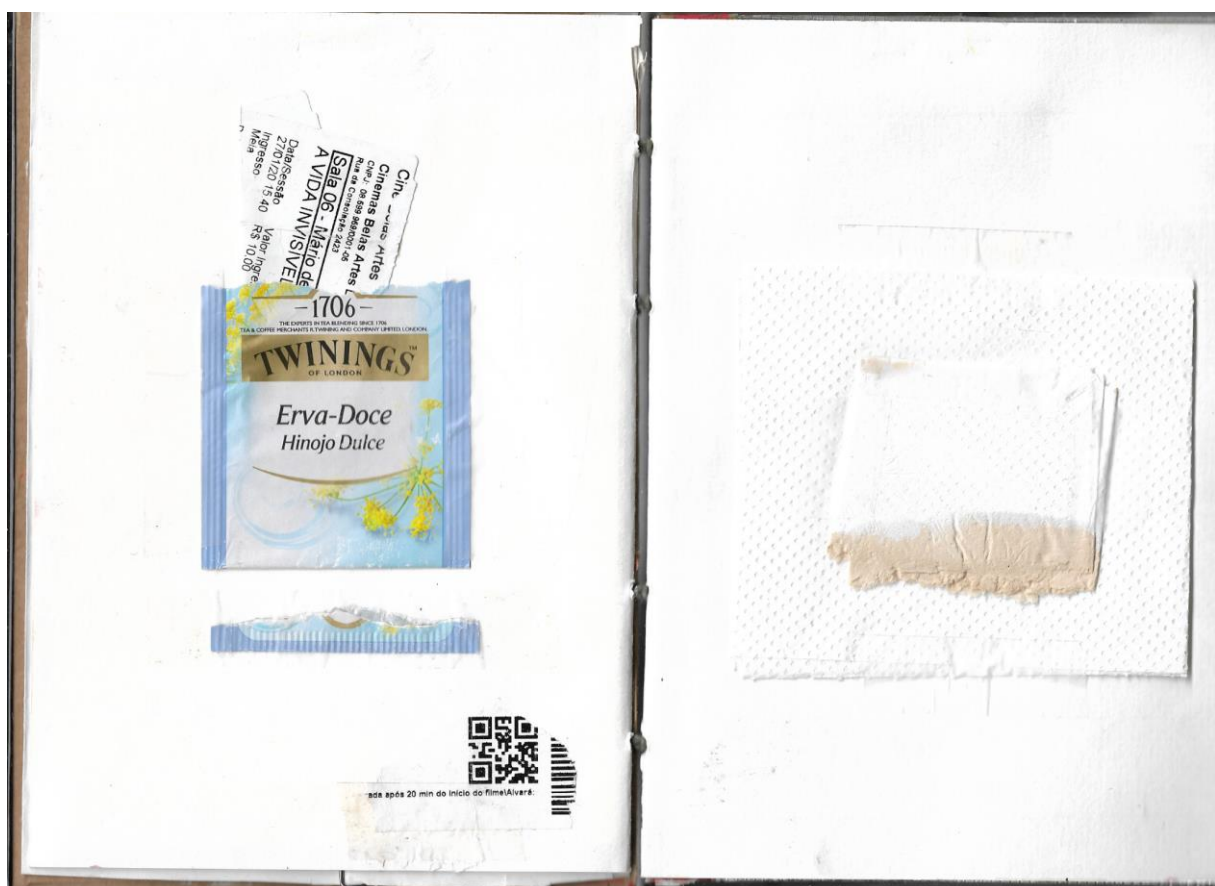
Essa é uma boa oportunidade para quem não tem condições financeiras para custear a compra de material, sendo uma forma de garimpar materiais para serem usados nos anos seguintes, bem como de adquirir obras artísticas para decorar a casa. O prédio é composto de estudantes de 3 cursos, sendo artes visuais, cênicas e música, há também os funcionários e professores, sendo que sempre há alguém que faz sua coleta no banco de doações, dando um lar às obras abandonadas e outros fins para materiais disponíveis.

Quando eu soube disso no meu primeiro ano fiquei eufórica, participei de as “botas foras” até então. Eu me recordo que no primeiro ano me empolguei tanto que a técnica do ateliê, Vera Cozani, que coordenava essa ação de limpeza dos ateliês, viu o tanto de coisas que eu peguei na doação e chegou a comentar comigo que teria

que fazer um bota fora na minha casa. Mal sabia ela que não seria necessário fazer essa ação em casa, mesmo que eu tenha pegado todas aquelas coisas que no primeiro ano, sendo principalmente gravuras, monotipias e serigrafias, tiveram um fim para além da minha casa, pois as dei de presente para pessoas próximas a mim naquele ano.

O meio e as pessoas têm um papel fundamental para uma experiência significativa, o Instituto de Artes foi um meio importante para mim.

O meio social é a verdadeira alavanca do processo educacional, e todo papel do mestre consiste em direcionar essa alavanca. Como jardineiro seria louco se quisesse influenciar o crescimento das plantas, puxando-as diretamente do solo com as mãos, o pedagogo entraria em contradição com a natureza da educação se forçasse sua influência direta sobre a criança. Mas o jardineiro influencia o crescimento da flor aumentando a temperatura, regulando a umidade, mudando a disposição das plantas vizinhas, selecionando e misturando terra e adubo, ou seja, mais uma vez agindo indiretamente, através das mudanças correspondentes ao meio. Assim faz o pedagogo que, ao mudar o meio, educa a criança. (VIGOTSKY, 2010, p. 66).



3 - Capítulo II - Caderno: costurando narrativas



Não sei distinguir no céu as várias constelações

“Não sei distinguir no céu as várias constelações:
não sei os nomes de todos os peixes e flores,
nem dos rios nem das montanhas:
caminho por entre secretas coisas,

a cada lugar em que meus olhos pousam,
minha boca dirige uma pergunta.

Não sei o nome de todos os habitantes do mundo,
nem verei jamais todos seus rostos,
embora sejam meus contemporâneos.

Não, não sei, na verdade, como são em corpo e alma
todos os meus amigos e parentes.
Não entendo todas as coisas que dizem,
não compreendo bem de que vivem, como vivem,
como pensam que estão vivendo.

Não penso todos os dias exatamente
do mesmo modo.
As mesmas coisas me parecem a cada instante diversas.
Amo e desamo, sofro e deixo de sofrer,
ao mesmo tempo, nas mesmas circunstâncias.

Aprendo e desaprendo,
esqueço e lembro,
meu Deus, que águas são estas onde vivo,
que ondulam em mim, dentro e fora de mim?

Se dizem meu nome, atendo por hábito.
Que nome é o meu?
Ignoro tudo.

Quando alguém diz que sabe de alguma coisa,
fico perplexa:
ou estará enganado, ou é um farsante,
— ou somente eu ignoro e me ignoro desta maneira?
E os homens combatem pelo que julgam saber.
E eu, que estudo tanto,
inclino a cabeça sem ilusões,
e a minha ignorância enche-me de lágrimas nas mãos.

1960”

Cecília Meireles, O Estudante Empírico

O Caderno é um suporte que acompanha a todos nós por um período na vida, principalmente na educação básica, quando é objeto obrigatório para copiar os conteúdos da lousa, fazer atividades e exercícios das aulas. Há professores que vistoriam os cadernos dos alunos, para acompanhar o seu desenvolvimento no aprendizado, se torna então um objeto de estudo do e para o aluno.

Há resquícios das poucas individualidades que transitam pelas linhas do caderno dos estudantes no ensino básico, como a escolha das cores das canetas usadas, os ornamentos para divisão entre as páginas e conteúdos e a escolha de capas de cadernos e seus adesivos. Tratando-se dessa pequena mostra do subjetivo dos sujeitos na escola, sempre no início do ano letivo era esperada aos alunos a compra dos materiais novos, cadernos, agendas, canetas, adesivos, lápis de cores, que teriam capas e imagens que os representassem em personalidade, como personagens e ícones de uma cultura visual com que as crianças e adolescentes se identificam, e que irá acompanhá-los durante os próximos meses.

Esse também é um momento em que as papelarias e gráficas faturam muito, lucrando com a busca de uma individualidade que supostamente é expressa num produto, com o propósito de deixar a escola mais interessante e menos entediante.

Já o restante de como era anotado e preenchido nos cadernos, seguia um formato totalmente bancário, no sentido de Paulo Freire, em que os conteúdos que são depositados na lousa pelos professores são roboticamente copiados pelos alunos em seus cadernos, meramente reproduzindo e memorizando, para talvez serem usados no futuro: havia pouco espaço para discutir sobre si em relação àqueles conhecimentos reproduzidos. Além de que, a transmissão dos conteúdos é geralmente pela mera cópia, sendo pobre em experiência significativa do indivíduo, já que só resta o ato de transcrever, e não se consegue de fato vivenciar os conteúdos e aprender no sentido pleno do termo. Sobre as aulas serem um lugar de tédio e da pouca expressão dos alunos, bell hooks compartilha da sua experiência

(...) eu me entediava com frequência na sala de aula. O sistema de educação bancária (baseado no pressuposto de que a memorização de informações e sua posterior regurgitação representam uma aquisição de conhecimentos que podem ser depositados, guardados e usados numa data futura) não me interessava. Eu queria me tornar uma pensadora crítica. Mas essa vontade era vista como uma ameaça à autoridade. (HOOKS, 2013, p. 14).

O mesmo ocorre no cursinho, curso preparatório para vestibular, com um treino de aproximadamente um ano para prestar as provas de ingresso às universidades.

Por ter pouco tempo, os conteúdos são mais esquematizados e resumidos para serem decorados, com propósito de garantir sucesso em uma prova que levará ao ingresso de uma universidade em algum curso que quem faz o cursinho julga querer fazer, já que geralmente há pouco espaço para experimentar e se conhecer no ensino básico e nessa transição de escola para uma faculdade é curta. Importante ressaltar que no Brasil poucos continuam os estudos, buscando se especializar em algo, concluem o básico e já entram para o mercado de trabalho.

O quadro negro

“Depois que os teoremas ficam demonstrados,
quando as equações se estiverem transformados,
desenvolvido, revelado;
e o mistério das palavras estiver todo aberto em flores;

quando todos os nomes e números se acharem escritos
e supostamente compreendidos
o Professor passará uma silenciosa esponja
sobre as coisas escritas:

e nos sentiremos outra vez cegos,
sem podermos recordar o que julgávamos ter aprendido,
e que apenas entrevíramos,
como em um sonho.

1963”

Cecília Meireles, O Estudante Empírico

Me recordo dos primeiros meses após ingressar na universidade em que todos estavam com cadernos e cadernetas esperando repetir o que já éramos acostumados a fazer: copiar os conteúdos da lousa. Foi um susto para minha turma se deparar com aulas expositivas por meio de powerpoint para tratar mais de imagens, e o restante ser tratado na discussão crítica. Eu me recordo das conversas nos corredores que avaliavam os professores como bons ou ruins por essas medidas, poucos usavam a lousa. As atividades passaram a ser leituras de textos e discussões na sala de aula, com isso os cadernos começaram a sumir das mesas e mãos dos estudantes. A partir daquele momento, os cadernos eram para anotar referências e colocar as reflexões das discussões, a relação com a aula acabava ficando mais na oralização. Conjuntamente a isso, as provas avaliativas foram sumindo durante a graduação e a avaliação era por meio de seminários e criação de obras plásticas.

O caderno de desenho era mais comum do que os cadernos de anotações entre os estudantes de artes visuais, ainda mais por sermos estimulados pela primeira disciplina de ateliê, Desenho I, ministrada pelo professor artista José Spaniol, que

propôs que mantivéssemos um caderno para registrar os nossos desenhos ao longo do semestre, que depois seria avaliado através da evolução do traçado. Recordo que um dos exercícios proposto pelo professor era não usar a borracha, pois era feita a associação de que apagar um traço era como recusar um caminho que tinha sido escolhido e ao mesmo tempo era punitivo por não aceitar como tinha sido feito. A ideia era deixar como estava e seguir adiante, podendo iniciar um novo desenho em outra página sem jogar fora ou apagar o anterior e assim com o tempo perceber a evolução de soluções gráficas que o estudante ia encontrando, além de também reconhecer a própria linha.

Eu tinha comprado um caderno próprio para desenho, o conhecido *sketchbook* ou caderno para rascunhos; tinha capa dura preta e folhas brancas com uma gramatura maior do que a sulfite. A folha branca vazia só despertava em mim a insegurança de preenchê-la. Tive muita dificuldade, apesar dessas orientações eu usei muita borracha e arranquei muitas páginas. Continuei me esforçando sem grande sucesso, até que encontrei cadernos artesanais em que me senti mais à vontade para criar.

Cadernos artesanais: acolhimento por meio de costuras com afeto

Cadernos feitos pelas mãos de amigos e conhecidos através de uma produção artesanal e com uma identidade própria como da Malu Macedo do *Papel à Mão* (@papel.a.mao), Diana Lanças em Nó Processos Manuais (@noprocessos) e Assis em Assis Cadernos Artesanais (@cadernodeassis), foram meus cadernos de rascunho, de aula, meus diários e cadernos de artista. Neles também anotei sonhos, projetos e tive um lugar para me reencontrar...Com a produção feita por eles, eu finalmente consegui usar cadernos sem arrancar páginas, aceitando meu traço, minhas linhas e histórias. Os recortes que ilustram estas páginas são algumas das criações desses cadernos.

Esses suportes tornaram-se inspiração para eu dar um outro fim à minha coleção de papéis soltos, transformando-os em cadernos. Despertaram o desejo de criar os meus próprios cadernos com folhas que possuem texturas, cor e histórias. Além disso, tive a curiosidade em compreender o processo de identidade na produção de cadernos artesanais, já que pude notar que cada um tinha uma característica própria, bem singulares assim como quem os produziu.

Então, decidi fazer uma pesquisa de estudo de caso com as pessoas com quem tive oportunidade de adquirir esses cadernos.¹

Quando perguntei como aprenderam a fazer cadernos artesanais recebi as seguintes respostas:

Papel à Mão: Fiz um livreto pela primeira vez para um trabalho na faculdade, depois comecei a explorar sozinha (pegando tutoriais na internet) e, mais pra frente, aprofundando nas técnicas com aulas.

Nó Processos: Quando eu estava no primeiro ano da faculdade, sentada com meus colegas na frente do IA, um amigo começou a desenhar num caderno muito diferente de todos os cadernos que já tinha visto. Perguntei pra ele sobre, e ele disse que ele mesmo o tinha feito. Fiquei muito intrigada, pois, no auge dos meus 19 anos, nunca tinha pensado na possibilidade de fazer um caderno, ao invés de comprar. Ele disse que tinha feito seguindo um tutorial no youtube, e que era muito simples. Daí em diante eu comecei a fazer meus próprios cadernos de desenho, pesquisando e seguindo tutoriais de forma autônoma.

É interessante notar a presença de tutoriais da internet em ambas as falas, como o conhecimento está todo disponível na internet, resta somente autonomia e senso crítico para buscar e aplicar. Além disso, mostra como o aprendizado vem do interesse e da curiosidade pessoal. Elenco abaixo algumas outras perguntas que achei importantes:

1. Por quais motivos iniciou a confecção de seus próprios cadernos?

Papel à Mão: Eu sempre gostei muito de produzir itens artesanalmente (bijuterias, fantasias, desenhos) e quando entrei na faculdade me aproximei da encadernação e curti muito! Comecei fazendo para uso próprio, mas depois percebi que poderia ser algo útil para os outros e que fornecesse uma fonte de renda, então o hobby se expandiu para o trabalho.

Nó Processos: Desde adolescente sou fascinada com a filosofia do *DIY* (do it yourself) e com a possibilidade de termos mais autonomia, de entender de onde as coisas vêm e como elas são feitas. Acho que isso, misturado à necessidade de ter cadernos de

¹ Pesquisa feita por meio de um questionário no formulário do Google, está na íntegra nos anexos.

desenho e eles serem muito caros de se comprar nas lojas, são os principais motivos de eu ter começado a confeccionar os meus próprios.

2. Qual ou quais diferenças você acredita que existe entre os cadernos artesanais e os industriais?

Papel à Mão: Os cadernos artesanais oferecem mais liberdade! Você consegue compor com folhas de cores diferentes, materiais diferentes, costuras combinadas, unir técnicas – é como se o caderno, mesmo sem nada escrito ou desenhado dentro dele, já tivesse uma personalidade, uma alma. Os cadernos industriais raramente oferecem diversificação, são mais limitados a cumprir sua função técnica.

Nó Processos: Antes de tudo, eu acho que os cadernos artesanais, quando bem feitos, têm uma qualidade muito superior aos industriais. No que diz respeito a acabamento, materialidade, e durabilidade também. Sem falar que é muito mais legal um caderno ser feito por uma pessoa do que por várias máquinas. Acho que uma analogia boa é com comida: uma lasanha caseira, com massa e molho "de verdade" é muito mais gostosa do que uma lasanha congelada industrializada.

3. Você reconhece um pouco de si em suas produções?

Papel à mão: Com certeza! A escolha das cores, estilo de costura, tipos de materiais, a forma como registro os produtos em fotos e vídeos, como divulgo nas redes sociais, tudo expressa muito da minha personalidade!

Nó Processos: Sim, acredito que a NÓ tem uma proposta estética que tem muito a ver comigo e com minha pesquisa enquanto artista visual no campo da pintura.

4. Você gosta de receber uma devolutiva das pessoas que compram os seus cadernos? Como por exemplo eles sendo preenchidos?

Papel à Mão: Amooo! Os cadernos são lindos finalizados, mas quando são preenchidos pelas clientes dá outra energia! E eu amo ver as diferentes possibilidades de uso do mesmo modelo e os cadernos sendo usados em ocasiões especiais (casamentos, aniversários, diários, para presentear alguém querido).

Nó Processos: Sim!!!!!!

5. Você acredita que o ato de confeccionar te ensinou algo? Se sim, gostaria de compartilhar?

Papel à Mão: Sim, a confecção me ensinou a organizar etapas (planejar a capa que eu iria querer antes de costurar, fazer combinação de materiais etc) e também a estimular meu processo criativo (idealizar uma coisa, esboçar como poderia ser feita, testar).

Nó Processos: Ah, com certeza. Acho que volta na coisa do *DIY*. Eu brinco com alguns amigos que somos "makers": gostamos de fazer as coisas, não de comprá-las. Tipo pão, caderno, bolo, roupas, móveis, cortar cabelo. Acredito que fazer coisas é um manifesto anti alienação industrial, é uma forma de empoderamento. Brinco com esses mesmos amigos que, se rolasse um apocalipse, a gente ia sobreviver lindamente.

6. Você indicaria para as pessoas experimentarem o ofício de encadernar como uma experiência?

Papel à Mão: Com certeza. Usufruir da experiência de testar combinações diferentes, estimular coordenação motora, e depois ainda ter um caderno próprio para usar do jeitinho que quiser!

Nó Processos: Com certeza, é bem mágico fazer uma coisa com as próprias mãos. Durante o processo pode ser difícil, mas quando tá pronto e você se dá conta de que é uma coisa que você mesmo fez, do zero, é foda. É uma coisa direta e em primeira pessoa, bem diferente de comprar na loja, que tem o dinheiro intermediando. E é isso, tem uma dimensão política também, em saber fazer coisas – não ficar completamente dependente da indústria e do mercado.

Os cadernos artesanais foram uma maneira de eu registrar tudo à minha volta, o que eu escutei, o que eu li, o que eu vi sendo uma maneira de compreender e estabelecer um diálogo interno e externo. Acredito que com o exercício de nos revisitarmos através do folhear das páginas do caderno temos a ativação das memórias, decantação dos conhecimentos aprendidos, percepção da nossa evolução e mais clareza dos nossos interesses, o que dá um sentido em continuarmos vivendo.

Os próprios documentos de processo, por vezes, desempenham papel semelhante ao longo do processo. O manuseio de um diário, por exemplo, pode ser uma forma do artista encharcar-se do clima da obra em criação. Paul Klee (1990, p.26) anota: “depois de algum tempo, resolvi folhear alguns dos meus cadernos de esboços. Senti, então, como se uma espécie de esperança voltasse a despertar dentro de mim”. (SALLES, 2004, p. 58).

Caderninhos retratos

Em 2021, já explorando a confecção de caderninhos, a princípio destinados ao uso pessoal, fui convidada para o aniversário da Teresa (pequena criança de 4 anos que conheci através de seu primo Pedro Meurer, meu amigo, viramos amigas). Pensei em fazer um caderninho que fosse diferente, delicado, divertido e pequenino como a palma da mão dela. Fiz 3 caderninhos de diferentes formatos com colagens dos recortes e papéis das minhas pastas. Eu mesma me diverti confeccionando os caderninhos de Teresa, ainda mais depois de procurar como embalar, usando papéis e saquinho/rede de legumes, todos materiais de reuso que eu tinha à minha disposição.



Magu, avó de Teresa, gostou muito do presente que havia sido entregue e perguntou se eu aceitava encomendas. Apesar de nunca ter pensado em fazer para vender, eu aceitei de prontidão, ainda mais depois de saber da proposta inicial de serem 12 caderninhos para um grupo de amigas, sendo que algumas delas eram de um grupo de bordado. Seu objetivo era presentear cada amiga com um caderninho nas festas de final de ano. Eu, só com aquele fragmento de informação, construí uma

bela imagem dessas 12 senhoras num café ou chá da tarde, contando suas histórias enquanto bordam. Para mim, saber a intenção e para quem seriam destinados os caderninhos era o suficiente para selecionar os papéis que iriam compô-los dentre os que eu tinha guardados em minha coleção ou o que eu poderia fazer; ao modificando as folhas de papel em branco adicionando informações que trouxessem signos dessa imagem construída em minha mente sobre as pessoas.

No caso dessa encomenda, comecei com o café, como eu tinha algumas impressões das minhas xilogravuras do pé de café em papel japonês e em papel aquarela, decidi usar a primeira para cobrir a capa e as outras para compor uma das páginas. Além desses elementos em algumas folhas que eram brancas, usei café para pigmentar e manchar, aqui o rastro da ação sobre o papel se dá pelo cheiro e pela cor. Além disso, cortei alguns retalhos de telas em algodão sarjado para serem páginas de bordado, usei uma máquina de costura de uma amiga chamada Kelli Evangelista, que me ensinou a usá-la. Em algumas fiz apenas as margens das folhas no tecido, convidando a bordar, e em outras adicionei uma criação minha: de ramos de plantas bordados.

A ideia era que essas mulheres pudessem preencher as páginas dos caderninhos como quisessem, apesar de algumas já terem informações e estarem preenchidas, como um convite para criar em cima e compormos juntas, num diálogo à distância. Seja bordando, fazer colagens, escrever, desenhar, colocar imagens ou secar folhas, foi uma forma de estar nesse encontro sem estar de fato presente.

Figuras 1, 2, 3 e 4 - Processo de produção de caderninhos



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Já em 2022, uma dessas amigas da Magu, que havia sido presenteada com um dos caderninhos, gostou do presente que recebeu e perguntou se eu aceitava uma encomenda para o neto dela, chamado João, de 6 anos. Mediada pela Magu, pedi para que ela me trouxesse mais informações sobre João perguntando a ele o que gosta, como por exemplo a predileção de cores. Ela perguntou e trouxe a informação de que ele disse com muita firmeza que gostava muito de roxo e preto. Pensei que ele já sabia dos próprios gostos, mas decidi criar junto adicionando o verde como uma

sugestão de cor que conjuntamente ficaria interessante. As folhas são em papel canson, algumas foram tingidas e coloridas com tinta aquarela nas cores roxo e verde e outras em nanquim preto. Receber pelo Whatsapp o áudio do João gritando animado com o caderninho foi uma grande gratificação para mim. Através do caderninho eu senti que brincava, de longe, com o João.

Figuras 5, 6, 7, 8 e 9 - Processo de produção de caderninho João



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Surgiram algumas questões conforme eu seguia com minha produção de caderninhos, sendo a questão central: O caderno precisa vir em folhas brancas para criar? O tempo todo eu estava fugindo de um papel que fosse branco e buscava compor com folhas que já carregassem informações: um padrão havia sido estabelecido. Dei continuidade ao meu criar e investigar, atenta a que caminhos poéticos e simbólicos estavam surgindo. Só conseguia me lembrar de meu pai

comentando um dia, quando decidimos comprar papel reciclável para imprimir em casa, que o processo de branqueamento do papel é longo e cheio de etapas para se ter o apagamento das cores provenientes das cascas das árvores. Eu só conseguia associar esse processo ao de padronização de um produto para ser consumido sem resquícios de sua história. E foram surgindo outras perguntas como: Quais são nossos resquícios de histórias? Que coisas as pessoas associam à própria imagem? Mostramos nossos gostos para o outro?

Mais para frente com leituras sobre psicologia da educação, em Vygotsky (2010, p. 27) me deparei com o seguinte trecho que me fez pensar no motivo de não gostar da folha em branco. “A criança não é uma folha de papel em branco, mas uma folha preenchida inteiramente pelos vestígios da experiência biologicamente útil dos antepassados.”

Em minha produção tento ficar atenta às particularidades individuais de cada grupo e de cada ser dentro deste, para que assim seja reconhecido. Tal como as espécies de árvore que são parecidas, mas que possuem formas diferentes e únicas quando nos atentamos à elas.

Em uma viagem de férias, levei meus caderninhos pessoais e giz pastéis como de hábito para desenhar. Nessa viagem acabei conhecendo Bebeth (mãe de Mel, que é amiga de Teresa). Faço um convite para elas experimentarem o giz pastel oleoso e desenharem comigo. Então numa das tarde nós desenhemos, Bebeth e Mel, Jô e Teresa, as mães com suas respectivas filhas. Bebeth gostou dos meus caderninhos e quis que eu fizesse um para ela. Voltando de viagem o confeccionei.

Figuras 10 e 11- Processo de produção do caderninho da Bebeth



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Após entregue a encomenda, em um dia qualquer sem muito o que esperar recebi uma mensagem da Bebeth que foi o motivo de eu sorrir o dia inteiro: ela me enviou uma foto de um dos desenhos em seu caderninho. E agradeceu por ter apresentado o giz pastel e incentivado a voltar a desenhar.

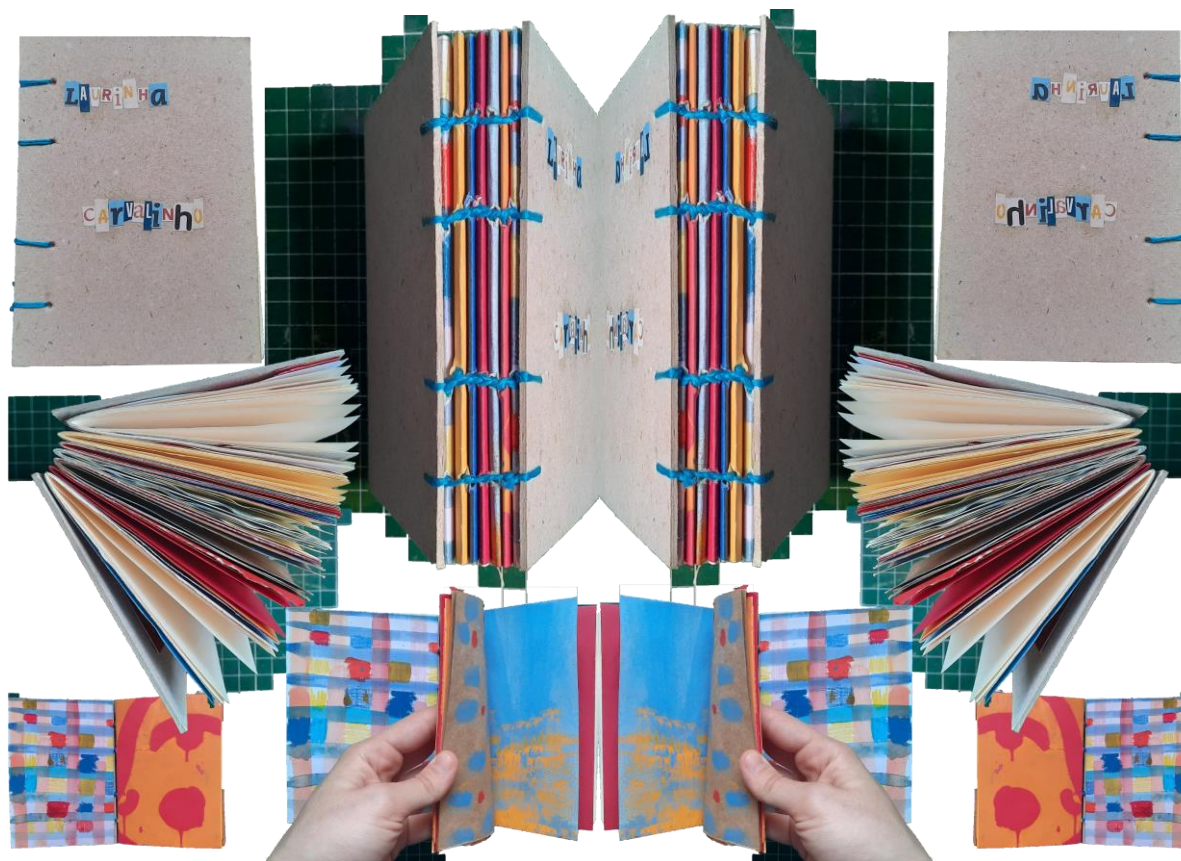
Figura 12 - Foto do desenho no caderninho da Bebeth



Fonte: Foto de Bebeth "Uma tentativa de reprodução de um quadro do Ziraldo", 2022.

Na disciplina de Vivência em Ateliê Permanente, na qual há encontro dos estudantes para mostrar a produção artística nos ateliês, discutindo sobre trabalho e trocando referências de artistas e técnicas. Eu apresentei os meus caderninhos pessoais e os que fiz sob encomenda. Ao expor tudo o que eu vinha produzindo, ficou mais claro que o trabalho estava sendo uma construção de retrato das pessoas que pediam a encomenda ou para presentear. Uma das minhas colegas de turma, Laurinha Carvalhinho, gostou muito dessa minha produção e encomendou um que fosse feito para ela. Como acompanho a Laurinha já faz alguns anos, sei que ela tem uma criação perpassada por piqueniques e cores primárias.

Figura 13 - Fotomontagem processo de produção do caderninho da Laurinha



Fonte: Fotomontagem de Alice Bombardi, 2022.

Comecei então a mapear uma produção que estava existindo em mim, a criação de caderninhos retratos.

A obra de arte carrega as marcas singulares do projeto poético que a direciona, mas também faz parte da grande cadeia que é a arte. Assim, o projeto de cada artista insere-se na frisa do tempo da arte, da ciência

e da sociedade, em geral. Ao discutir o projeto poético, vimos como esse ambiente afeta o artista, aqui, estamos observando o artista inserindo-se e afetando esse contexto. É o diálogo de uma obra com a tradição, com o presente e com o futuro. A cadeia artística trata da relação entre gerações e nações: uma obra comunicando-se com seus antepassados e futuros descendentes. (SALLES, 2004, p. 42).

Em uma das reuniões de orientação do TCC decidi levar para minha orientadora, professora Dra. Rita Luciana Bredariolli, um caderninho retrato feito para ela. Inspirado em textos indicados que foram base para reflexão neste trabalho, inclusive um artigo seu sobre ilustração, “Conversações sobre o arco íris: a ilustração (e outros atos de cognoscibilidade) como tradução, configurações para possíveis poéticas de mediação”. As páginas de seu caderninho foram compostas por folhas coloridas numa sequência de arco-íris, outras folhas coloridas com nanquim e com café, papel kraft com textura de casca, algumas que faziam parte de um livro antigo de contos, em especial páginas de *As Viagens de Gulliver* que estavam ilustradas. Na capa tinha pequenos restos de refile de papel, que me lembravam indicações de uma das obras do Manoel de Barros.

O encontro com a Rita Luciana Berti Bredariolli e a entrega desse presente me deram mais segurança para continuar a pesquisa, foi importante para que a maneira que retrato e escrevo sobre o mundo a minha volta seja reconhecido e legítimo, seja por ela ser uma professora acadêmica ou por ser uma pessoa que admiro. Ver que gostou do que faço foi um incentivo de continuar a trilhar meu caminho, além de me indicar mais referências que dialogam com o que tenho produzido. Uma das orientações que Rita me fez foi que era importante transbordar na escrita tanto na versão digital como na física. Eu precisaria pensar como a sensibilidade poética da matéria do meu trabalho se faria presente para aquele que trombasse com ele.

Figura 14, 15 e 16 - Processo de produção do caderninho da Rita



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Desde então, essa tem sido umas das minhas produções artísticas que me estimula olhar para os detalhes das coisas e pessoas, fazendo com que eu estabeleça diálogos e que pretendo dar continuidade.

Conhecimento de si mesmo
 [...] o percurso criador, ao gerar uma compreensão maior do projeto, leva o artista a um conhecimento de si mesmo. Daí o que o percurso criador ser para ele, também um processo de autoconhecimento. O artista se conhece diante de um espelho construído por ele mesmo. (SALLES, 2004, p. 134).

Caderninhos como recurso didático de mediação

Em 2022, fui assistente da professora Priscila Leonel em sua oficina “Cerâmica e um encontro com a ancestralidade negra”, oferecida pelo SESC Pompeia. Durante

os preparativos do curso, nos debruçamos nos planejamentos das aulas, pensando em propor em uma parte dos dias a escrita de coisas que lembrassem a ancestralidade de cada um e a produção de um rascunho de projeto para elaborar na cerâmica. Nesse dia de planejamento da aula pensamos em incluir um caderninho que fosse um suporte para o exercício e através do qual eu poderia contribuir de certa forma para o curso. O caderninho foi utilizado como recurso didático de mediação na cerâmica, para os registros de associações que aqueceram o olhar e as mãos sobre o papel pardo, o que também é abordado na tese da Priscila Leonel.

Figura 17 - Caderninhos confeccionados para os inscritos na oficina de cerâmica do SESC Pompeia



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Cada caderninho tem um pequeno formato, A6, para caber na palma das mãos assim como um pedaço de argila para modelar. As folhas são em papel kraft para remeter à tese de doutorado da professora e artista Priscila Leonel, que aborda a cor da pele relacionada ao papel pardo e também a cor da argila terracota como uma exaltação de identidade, reconhecimento, ancestralidade e beleza. A capa é feita de um papel pardo com textura de casca de árvore, que remete às raízes ancestrais de cada um. Costurados com linhas pretas, busquei associar o ato de construir narrativas pretas na produção dos cadernos. O caderninho teve como objetivo ser um espaço de extensão de pensamento, lugar de registro e elaboração de projetos de cerâmica. Apresentamos a ideia antes de entregar a cada um, para que fizessem a conexão com a oficina em andamento.

Muitos criadores falam dessa relação entre a realidade externa à obra que está sendo construída e o próprio objeto em criação. Fala-se da necessidade do artista de observar e manipular a realidade. Borges (1984) afirma que todos os fatos oferecidos pela vida ao artista têm um sentido: tudo funciona como argila, material que deve ser aproveitado em sua arte. Todas as coisas nos foram dadas para serem transformadas: fazer com que as circunstâncias miseráveis de nossa vida se tornem coisas eternas ou em vias de eternidade. (SALLES, 2004, p. 98).

Figuras 18, 19, 20 e 21 - Caderninhos sendo usados em alguns momentos da oficina de cerâmica no SESC Pompeia



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Busquei uma devolutiva dos participantes da oficina tanto os que do 1º semestre quanto do 2º semestre, alguns usaram apenas no dia da proposta de escrita, outros continuaram no decorrer dos encontros. Fiquei curiosa para saber se utilizavam fora da proposta ou após o término do curso, teve gente que sim e outros não, mas todos responderam uma coisa em comum que gostaram da proposta de olhar para a

materialidade com seus significados metafóricos e que contribuíram para uma imersão e olhar mais atento para a proposta do curso. Acredito que possibilitar mais um espaço para expressar e registrar é de suma importância, mesmo que não seja preenchido, aquele objeto vai remeter um encontro, uma proposta, uma relação, uma memória. Que de certa forma contribuem para firmar mais laços, pois se já demonstramos interesse por ler algo do outro, é uma forma de reconhecer e demonstrar interesse pelo que o outro tem a dizer, trazer e existir estabelecendo uma relação de confiança e estreitando laços mais férteis.

Antes de ir para o próximo capítulo, que trata de livro, leitura e escrita, compartilho aqui sobre o potencial do caderno como um lugar para elaborar pensamento por meio de rabiscos, desenhos, escritos e colagens, o que me leva a crer que esses cadernos são como um tipo de manuscrito, que podem conceber ou virar um livro, já que são espaços para escrever, desenhar e registrar nossas histórias.

O artista encontra os mais diversos meios de armazenar informações, meios esses que atuam como auxiliares no percurso de concretização da obra e que nutrem o artista e a obra em criação. Diários, anotações e cadernos de artista, por exemplo, são espaços desse armazenamento. As correspondências dos artistas, algumas vezes, cumprem esse papel. (SALLES, 2004, p. 12).

4 - Capítulo III - Livro: ler para escrever, escrever para ler



Nuvens são memórias
lindíssimas se diluem
quero me lembrar

Iniciação ao hábito de ler: reconhecimento de si através das palavras e imagens

Para que a escrita seja legível

Para que a escrita seja legível,
é preciso dispor os instrumentos,
exercitar a mão,
conhecer todos os caracteres.
Mas para começar a dizer
alguma coisa que valha a pena,
é preciso conhecer todos os sentidos
de todos os caracteres,
e ter experimentado em si próprio
todos esses sentidos,
e ter observado no mundo
e no transmundo
todos os resultados dessas experiências

Maio, 1963

Cecília Meireles

A leitura propriamente dita chegou em minha vida após entrar na universidade, através da coleta de livros ou dos numerosos textos solicitados nas aulas durante o curso. Começar lendo textos críticos, de filosofia, estética, história da arte, psicologia e sociologia não foi uma tarefa fácil para quem não tinha o hábito da leitura, logo, a compreensão dos textos tardava. Ainda mais quando a dinâmica da universidade deixava de ser decorar conteúdos, como no ensino básico, para na verdade ser como compreender e elaborar suas próprias ideias a partir das múltiplas discussões e reflexões críticas dos estudiosos. Ainda assim, essa foi a minha introdução ao hábito de ler, e conseqüentemente de escrever, quando eram solicitados trabalhos escritos para as disciplinas, apesar de a maioria das discussões e trabalhos serem por meio de seminários, privilegiando a oralidade e composição de ideias em apresentações visuais, nas quais sempre tive mais facilidade e desenvoltura.

As minhas coletas de livros ocorreram por meio das doações da biblioteca, praças públicas e na compra através de eventos como feiras do livro da USP e da UNESP, sendo que a última teve sua primeira edição em 2018 no próprio Instituto de Artes na Barra Funda SP.

A biblioteca do Instituto de Artes não tem apenas livros acadêmicos como os solicitados para serem lidos durante as aulas, há também muita literatura, os mais diversos gêneros. Por ali iniciei a busca de leituras paralelas às da faculdade, sendo

estimulada tanto pela curadoria feita pelos funcionários da biblioteca – livros expostos na entrada – quanto pelas sugestões de leitura feitas por eles com resenhas nas redes sociais.

Durante o início do isolamento em 2020, devido ao COVID-19, as aulas foram suspensas por longos meses até que chegássemos a compreender em que situação estaríamos para dar continuidade ao ensino. Foi nesse momento que a leitura começou a preencher mais o meu cotidiano. Buscava ocupar o tempo visitando outros lugares por meio das histórias e assim poder viajar para além do meu quarto durante a quarentena. Iniciei a leitura dos livros coletados que estavam na minha estante e compartilhei algumas leituras de longe com pessoas queridas, como o Pedro Meurer, que topou gravar leituras em voz alta de alguns livros e colocar no drive. Fui criando uma responsabilidade com o outro de finalizar leituras de livros que por vezes não chegaram a ser concluídas, além de desenvolver o hábito de ler e ainda por cima reconhecer a própria voz enquanto se lê em voz alta. Foi um bom exercício para melhorar a dicção e articulação da fala e desenvolver autoconfiança.

Com o hábito de leitura mais consolidado coincidindo com a abertura das bibliotecas públicas na retomada das atividades presenciais no final de 2021 no estado de São Paulo, busquei ler vários livros do acervo da Biblioteca Parque Villa Lobos (BVL) de diversos gêneros, livros ilustrados, poemas, diários e afins.

Eu estava com sede de palavras. Uma vez peguei três livros do Manoel de Barros na BVL – e já estava com dois outros livros em andamento em casa –, como os livros da biblioteca tinham um prazo de entrega e por serem pequenos em número de páginas, de poemas, decidi ler um deles em apenas um dia. Foi uma péssima escolha, pois assim que fui dormir eu sonhei com as palavras me atacando e gritando comigo sobre suas possibilidades de uso e imagens que poderiam suscitar. Eu tive overdose de poesia. Nos poemas de Manoel de Barros percebi a reverberação da leitura no brincar com as palavras, mas até brincar requer cautela. É preciso tempo para a leitura decantar, fazer sentido, para que possamos observar ela presente em imagens e ações no mundo, experienciar seus significados. Foi aí que comecei a escrever “coisinhas coisadas do pensamento” (no bloco de notas do meu celular) de forma livre, escritos sobre o que me afetava e sobre o que eu sentia no dia a dia, principalmente coisas que eu observava no meu deslocamento para a faculdade.

Com a confiança cultivada pelas leituras em voz alta e consequentemente ampliação do repertório de palavras, foi possível que eu iniciasse a minha escrita. O

despertar da escrita foi ocorrendo paralelamente com a criação de cadernos artesanais com páginas já preenchidas. Foi preciso exercitar a leitura, sentir as palavras, para que fizessem sentido para mim e assim eu fosse capaz de escrever. Comecei a ver semelhanças na comunicação escrita com a comunicação através de imagens, e também passei a notar o modo como as palavras nos remetem à imagens enquanto lemos.

Caderno, livro, livro de artista, não consigo ver muita diferença quando eu penso tanto em materialidade como em propósito, “papel”. Primeiro pela estrutura física comum de um corpo de papel, com capa e contracapa – partes externas geralmente mais duras que a parte interna – e com miolo (com muitas ou poucas folhas) que se tratam de elaborações de alguém. Depois pelo seu propósito de ser lido por e para alguém, mesmo que seja a própria pessoa que escreveu, para que tenha um encontro consigo mesma no futuro, ou para outro que segurará entre as mãos aquele volume, estabelecendo com ele diálogos internos. O que faz querermos escrever? Talvez o medo de ficarmos só? Por que queremos ser amados? Por que queremos ser compreendidos? Por que queremos existir para eternidade na matéria do papel ou, hoje em dia, no digital? Trombei com um livro do Sartre na biblioteca da faculdade sobre “Por que escrever? Que é a literatura?”. Adentrei o seu conteúdo em busca de respostas e encontrei este trecho:

O ato criador é apenas um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o escritor existisse sozinho, poderia escrever quanto quisesse, e a obra enquanto objeto jamais viria à luz: só lhe restaria abandonar a pena ou cair no desespero. Mas a operação de escrever implica a de ler, como seu correlativo dialético, e esses dois atos conexos necessitam de dois agentes distintos. É o esforço conjugado do autor com o leitor que fará surgir esse objeto concreto e imaginário que é a obra do espírito. Só existe arte por e para outrem. (SARTRE, 1989, p. 37).

Parece que elaboramos escritos para que estabeleça algum diálogo com algo ou alguém. Penso que na academia é de suma importância a escrita de trabalhos para registrar as produções científicas que têm sido desenvolvidas e que podem continuar numa eterna completação, a partir dos diálogos de outros pesquisadores com o que é registrado.

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de

nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso (LARROSA, 2002, p. 21).

O livro como experiência: mediando relações

Em 2022, durante a disciplina Prática de Ensino de Artes II², ministrada pela professora Dra. Rejane Coutinho, que tem como objetivo situar e compreender o campo da cultura visual enquanto espaço de atuação do professor de artes visuais, ampliando as possibilidades do ensino de artes dentro do ensino formal, educação da instituição escola dentro da sala de aula.

A proposta do trabalho foi a apresentação de seminários voltados sobre algo que relacionasse as culturas visuais e o contexto da sala de aula. Como eu já estava pesquisando sobre o universo do livro ilustrado, decidi dar continuidade, deixando aberto o convite para quem quisesse me acompanhar na pesquisa. Juntaram-se a mim Paulo Borges, Gabriel Sousa Gonçalvez e Samuel Vitor Ando da Cunha.

Nas trocas em grupos, durante a feitura do nosso seminário, compartilhamos as nossas trajetórias de leitura e achamos muito interessante saber que eram parecidas. Como por exemplo, o hábito de ler ter se iniciado após o ingresso na universidade. Além disso, todos nós tínhamos afinidade em nos comunicarmos por imagens, sendo este um dos motivos que nos levou a cursar artes visuais. Outra semelhança se deu pela paixão aos livros ilustrados e por não enxergarmos eles como sendo exclusivamente destinados ao público infantil, já que eles têm o potencial de afetar qualquer pessoa que os leia independentemente da idade.

Com os colegas compartilhei minhas experiências de 2021 que poderiam contribuir para a disciplina e continuar uma pesquisa que já estava em andamento. contei sobre a minha participação no curso de ilustração oferecido pela Biblioteca

² UNESP. Instituto de Artes. Departamento de Artes. Plano de Ensino: BLAVL15 - Licenciatura em Artes Visuais: LAV7742QUI10 - Prática de Ensino de Artes Visuais II. São Paulo: UNESP - Instituto de Artes, [s.d.]. Disponível em: <https://sistemas.unesp.br/academico/publico/documento.action>. Acesso em: 18 nov. 2022. Documento oficial da Graduação da UNESP, com autenticação eletrônica.

Parque Villa-Lobos e também sobre a elaboração e aplicação de uma oficina de livro ilustrado com crianças na disciplina de Didática Geral. Essas vivências serão descritas posteriormente no capítulo “Lugares de autoatualização” e no quinto capítulo em “Elaborando coletivamente uma oficina de didática – Nosso Livrão”.

O tema de discussão do nosso seminário surgiu a partir de algumas questões disparadoras: Por que associamos o livro ilustrado ao público infantil? Em que momento é mais utilizado no ensino básico? Que tipo de ilustração é essa? Qual é a potência da ilustração nos livros? Quem ilustra para quem? É adequado para quem? Existe uma relação de poder no livro ilustrado, se sim como ela se dá? Ilustração é uma tradução? Como incluir o coletivo na construção de uma história ilustrada? Existem livros “adultos” ilustrados?

Na busca por respostas encontramos a Revista Emília, que é uma publicação digital independente e gratuita que, desde 2011, se dirige a todos os agentes que trabalham a leitura e a escrita como instrumentos para a formação de leitores críticos e conscientes. Encontramos artigos que discutiam nossas aflições: “Livro tem Idade?” de Dolores Prades (2012), “Livro sem idade” também de Dolores (2012) e o artigo de Eduardo Souza (2019) “Por que imagem não é literatura?”, textos que complementaram nossa discussão, junto com a dissertação de Anita Prades que trata da ilustração como colaboradora da imaginação – uma habilidade necessária para viver e buscar soluções criativas para o mundo.

A começar compreendendo como se dá a imaginação nos indivíduos, assunto tratado por Renata Fernandes, que traz em seu livro sobre educação não formal uma citação de Vygotsky a respeito da realidade significativa que estimula a imaginação:

Vygotsky (1987) –vinculada à realidade significativa e tal vinculação se dá por 4 formas básicas:

- 1) A imaginação não pode criar a partir do nada; Sempre toma a experiência anterior como base para elucubração;
- 2) A imaginação não se limita a reprodução de imagens social e historicamente construídas; Através da combinação de elementos cria novas imagens e ajuda a concretizar situações não vivenciadas pessoais e diretamente;
- 3) O envolvimento emocional participa da seleção de determinados elementos da realidade, de pensamento, imagens e expressões;

Os conteúdos erigidos pela fantasia podem representar algo completamente novo, inexistente na experiência humana ou algo real; porém tais imagens baseiam-se em aspectos da realidade. (FERNANDES, 2001, p.17 a 19)

Na dissertação de Anita Prades ela aborda o modo como a imaginação consiste, não em um escapismo, mas em uma faculdade fundamental do intelecto humano para apreensão, compreensão e aplicação dos aprendizados, sendo inclusive uma maneira de achar respostas para as lacunas no conhecimento e na sociedade. Não existe mais a velha divisão de corpo e mente que coloca a imaginação para o corpo e como algo menor valor. Hoje sabemos que tanto a imaginação quanto a racionalidade estão essencialmente vinculadas ao mesmo processo cognitivo.

As imagens não necessariamente vêm com uma explicação, e é melhor que não venham, pois abrem assim a possibilidade da livre interpretação, acessando a dimensão individual de cada um. Estimular essa sensibilidade com olhar atento para os rastros e signos do mundo é uma comunicação necessária. O livro ilustrado tem esse potencial, de estar ao lado das palavras e ampliar sua força, não como tradução, mas como complemento que funciona por si só ampliando significados.

Segundo Rita Bredariolli, em seu artigo “**Conversações sobre o arco íris:** a ilustração (e outros atos de cognoscibilidade) como tradução, configurações para possíveis poéticas de mediação”, a ilustração funciona como um medium componente que se adiciona nas tintas para ficarem mais transparentes e encorpadas. A imagem seria uma tradução no sentido de meio como matéria de comunicação ampliada. É complementar, podendo ser suplementar. Ela traz a noção de equivalência entre a imagem e o texto, e não mais a subordinação das imagens ao texto.

Tentando compreender de onde vem a divisão de faixas etárias dos livros, que tende a estabelecer os ilustrados na classificação de livros infantis, foram surgindo algumas considerações. Para Dolores Prades “A sobrevivência das faixas etárias, tal como persiste hoje, atende exclusivamente a exigências do mercado escolar.” (PRADES, 2012, p.02). Ela observa que a divisão surge como indicação para pais e professores, mas logo é apropriada pelo mercado editorial nas décadas de 1950 e 1960, e acaba por estabelecer uma “verdade” entre os consumidores, afastando muitas vezes o encontro de adultos com livros ilustrados. A sugestão de classificação seria mais interessante se dividisse os livros para leitores iniciantes, intermediários e avançados, sem a classificação de idade e sim de acordo com o hábito de leitura de cada um, estabelecendo a importância de livros sem idade. Mas com o cuidado de não associar necessariamente livros que não tenham palavras contendo só imagens como algo para iniciantes, assim como as palavras as ilustrações podem carregar um arranjo de complexidade e níveis de leituras.

A importância dos livros sem idade reside precisamente no fato deles ultrapassarem seus destinatários naturais e ampliarem seu escopo de leitores, graças às suas qualidades tanto formais como de conteúdo. Podem ser livros informativos, livros para bebês, clássicos, livros de imagens, novelas – não importa o gênero — que sobrevivem à volatilidade do mercado, sensibilizam e atraem leitores de todas as idades. (DOLORES, 2012, p. 5).

Para vivenciar a sensibilidade dos livros ilustrados levamos alguns livros pessoais ilustrados para circular na sala, bem como um em especial o livro *Sagatrissuinorana* por João Luiz Guimarães em que fizemos a leitura no início da apresentação numa contação de história e fechamento relendo novamente para ter novo olhar após as discussões.

O livro *Sagatrissuinorana* é uma homenagem a João Guimarães Rosa que reconta a fábula dos Três Porquinhos, mas tendo como pano de fundo o rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho. O texto segue a sintaxe roseana, ao mesmo tempo em que não se furta a registrar criticamente duas das maiores tragédias socioambientais do país — e que tiveram as Minas Gerais como palco. Afinal, o que fazer quando a realidade parece superar a ficção? Diante do devastador tsunami de lama ainda haveria a possibilidade de se temer o lobo? O simbólico e o real medem suas forças neste livro tão potente, com um final aberto a inúmeras interpretações³

Encerramos convidado as pessoas da sala compartilharem suas experiências com os livros, tanto na escola como depois dela, em especial livros ilustrados.

³ Sinopse do livro



5 - Capítulo IV - Biblioteca: lugar dos vínculos



Minhas experiências mais atuais com o espaço da biblioteca foram fundamentais no momento de escrita, acolhimento, encontros e aprendizados. Puxando da memória quais eu já havia frequentado e como foi essa jornada, construindo assim meu histórico de passagem pelas bibliotecas e como elas ressoam em mim, é que hoje percebo nesses lugares também um espaço de atuação da arte e da educação.

A Biblioteca tornou-se um lugar que abrange tantas funções além do seu tradicional encargo de acervo de livros, documentos e local de estudos silenciosos. É importante ressaltar que atualmente também é um lugar de encontro, discussão, formação e lazer onde são oferecidos cursos, oficinas, palestras, contação de histórias, jogos, shows, feiras, apresentações, concertos, exposições (entre tantas outras atividades culturais) e que está sempre se ampliando, desbravando esse mar de relações entre as informações e as pessoas.

Vejo a biblioteca como um espaço físico de um grande corpo livro com vários pequenos livros nas estantes que acabam sendo a estrutura óssea desse corpo, cujas veias são os corredores e mesas onde encontram-se as pessoas que fazem circular as palavras orais, escritas e imagéticas. É por meio de pequenos corpos humanos que geram-se mais livros.

Um livro com que trombei por acidente, na biblioteca do Sesc Paulista, me chamou atenção tanto por seu formato (tamanho A6, ou seja, 2 vezes menor que o tamanho A4, que é a dimensão mais convencional) como também por ter uma capa com um belo desenho em serigrafia artesanal e com um título pouquíssimo evidente, me lembrando mais uma arte impressa exposta na estante do que propriamente um livro. O nome do livro é *A sabedoria do Bibliotecário* de Michel Melot, uma versão feita em parceria das editoras Ateliê Editorial e Edições Sesc São Paulo. O primeiro capítulo, “Como um Marinheiro no Oceano...”, já começa com um trecho que simplifica imageticamente a sensação que eu tenho ao visitar uma biblioteca e ver as pessoas que trabalham nesse espaço:

A figura do sábio doido opõe-se a do bibliotecário sábio. Por que seria sábio o bibliotecário? Por saber que jamais será sábio, pois, ao abrir um livro, todos os demais permanecerão fechados e ele, bibliotecário, sabe que jamais conseguirá abrir todos os livros. O bibliotecário ama os livros, como o marinheiro ama o mar. Não é necessariamente exímio nadador, mas sabe navegar e sabe também que não é com o nado que se alcançam as maiores distâncias. O oceano do conhecimento que inebria todos os sábios torna os bibliotecários modestos. (MELOT, 2019, p. 9).

Esse trecho descreve bem a sensação que eu tenho, até hoje, ao adentrar uma biblioteca, a impressão de estar em um mar de palavras e ter pessoas que sabem navegar nele. Nesse ambiente há marinheiros e marinheiras silenciosas, atentas e disponíveis que são muito sábias e modestas, convidando-nos a viajar pelo espaço à nossa maneira.

Primeiro encontro

Tratando-se desse lugar, minha primeira lembrança da biblioteca vem de longe, mas não tão longe, ela vem de quando cursava o Ensino Fundamental I, não me recordo direito se era na 2º ou 3º série, mas era início dos anos 2000, eu deveria ter em torno de 8 ou 9 anos de idade. A professora na época solicitou um trabalho de geografia que exigia uma pesquisa mais aprofundada e que demandava uma ajuda dos responsáveis das crianças para feitura dele, já que seria necessário pesquisar além da apostila didática fornecida pela escola.

Na época não se tinha o acesso às informações como se tem hoje em dia, não tínhamos computador e muito menos internet, então um dia minha mãe, meus irmãos e eu fomos para a Biblioteca Municipal Monteiro Lobato, de Osasco, onde residimos. Chegando lá minha mãe, Ana Cláudia Roger, falou para o bibliotecário que precisava de livros sobre geografia; o bibliotecário foi buscar e voltou com uma pilha de livros; ela precisou assinar um caderno notificando os livros que retirou; sentamos numa mesa redonda logo a frente; ela folheava os livros caçando as informações que precisava extrair, folheava fervorosamente. Eu a observava com os grandes livros e a achava tão inteligente por folhear rapidamente e de maneira precisa aquele montão de páginas, como uma ave de rapina, uma coruja, que voava bem alto olhando por todo o campo em busca de sua presa.

Não tínhamos livros em casa, minha família não foi exemplo de leitores assíduos, por assim dizer. Por isso, naquele momento estava maravilhada com minha mãe folheando, mas eu também estava com uma vontade inquieta de estar explorando a biblioteca e fazer o mesmo, folhear e ler tudo das páginas aos cômodos daquele novo lugar – que tinha tantos livros e mesas com pessoas grandes debruçadas sobre eles num silêncio que, para eu, que sempre fui tagarela e enérgica, era encantador só de observar – mas ela disse que eu só poderia fazer isso depois que terminássemos o trabalho de geografia, então tive que me contentar a ficar ao



seu lado observando ela encontrar o trecho que em breve eu iria copiar no papel almaço. Enquanto isso, meus irmãos tinham terminado o trabalho deles e já estavam na área da brinquedoteca. Eu não via a hora de finalizar o meu trabalho, copiar os trechos dos livros para poder explorar e brincar.

Ao encontrar o que deveria ser “copiado”, iniciei a transcrição para o papel almaço, que foi comprado numa papelaria perto de casa e estava contado para o trabalho, logo eu não poderia errar – fiquei tão cansada de escrever, meu punho doía pelo esforço da nova atividade aprendida que viria a se tornar comum nos próximos anos de ensino formal: a função de copista. Após finalizar a cópia dos trechos com muito esforço, já estava no fim do dia, pois com pequenas mãos que não estavam acostumadas a escrever e copiar, o tempo passou rápido e ao mesmo tempo devagar. Quase não sobrou tempo para explorar, em breve o estabelecimento iria fechar.

Na brinquedoteca havia muitos gibis da Turma da Mônica e alguns brinquedos, tudo parecia velho e improvisado, foi bem rápida a passagem, além disso também já estava exausta pelo novo ofício de copista, que mal sabia que iria perdurar até o final do ensino básico, tornando-me uma reprodutora de conhecimentos sem de fatos conhecê-los. Apesar disso, este dia foi um evento que ficou muito marcado em minha vida, um dia que saí com minha família para um novo lugar.

Pouco depois meus pais adquiriram um computador e então se iniciou a fase das pesquisas pelas informações dentro de casa e não fora dela. Agora, se me perguntarem do que se tratava o trabalho na biblioteca, não saberei responder especificamente, não me lembro de nada do que copiei... apenas que foi um dia que saí com minha mãe e meus irmãos para um novo lugar. A amnésia do que eu copiei não ficou só nesse dia, se me perguntarem de qualquer trabalho escrito que fiz durante o ensino fundamental e médio se me lembro do conteúdo, não saberei responder pois não me lembro de nada escrito e nem vivido durante o ato de transcrever, só sobrou eu, a caneta, o papel almaço, a tela do computador e a nota do professor. Nunca mais voltei para a biblioteca de Osasco, apesar de sempre passar pelas redondezas ou mesmo na frente do prédio, de ônibus, de carro ou a pé. E todas as vezes que passo por ela, me recordo deste dia. Após discorrer sobre ela neste trabalho, procurei visitá-la e descobri que está fechada desde antes da pandemia.

A base da ação educacional dos próprios alunos deve ser o pleno processo de respostas com todos os seus três momentos: a percepção do estímulo, a sua elaboração e ação responsiva. A velha pedagogia

intensificava exageradamente e deformava o primeiro momento da percepção e transformava o aluno em esponja, que cumpria a sua função contanto mais acerto quanto absorvia os conhecimentos alheios. Entretanto, o conhecimento que não passou pela experiência pessoal não é conhecimento coisa nenhuma. A psicologia exige que os alunos aprendam não só a perceber mas também a reagir. (VYGOTSKY, 2010, p. 65).

Ausência

As bibliotecas ficaram sumidas da minha vida até eu me formar no ensino básico. Na minha antiga escola, instituição particular de pequeno porte, mais conhecida como colégio de bairro, não tinha esse espaço da biblioteca, houve apenas um período muito curto em que havia uma saleta com um amontoado de livros, que mais parecia um pequeno depósito do que uma biblioteca, onde vez ou outra ficava uma inspetora que abria a pequena sala e anotava os livros que eram retirados dali, porém era um lugar tão ruim de entrar e tentar procurar os livros que poucos tinham interesse de frequentar. Não durou muito tempo e logo se encerrou a tal “biblioteca”. Ficamos sem esse espaço, até onde eu posso confirmar, até quando me formei, em 2014. Os livros que iriam ser utilizados na escola apareciam na lista de compra de materiais escolares, então comprávamos os livros de literatura que seriam utilizados naquele ano sempre no início do ano letivo.

Expandindo horizontes

Após formada no ensino médio, em 2015, entrei em um curso preparatório para ingressar na universidade pública e lá havia uma pequena biblioteca onde podíamos estudar. Esse foi o meu reencontro com uma biblioteca. Tinha uma pequena e boa estrutura, além de ser um charme. Era escura e escondida, mas atendia as necessidades, e ali me recordo que foi a primeira vez em que perambulei entre as estantes procurando livros e contemplando seu formato, capa, tipo de folha, observando o título, os nomes dos autores, a sinopse. Neste mesmo ano, soubemos pelos professores do cursinho que teríamos encontros para discussão dos livros de literatura do vestibular na nova biblioteca pública que abrisse dentro do Parque Villa Lobos, chamada Biblioteca Parque Villa-Lobos (BVL), o que me surpreendeu, já que nas vezes que tinha ido ao parque nunca soubera da biblioteca, mas entendi que era uma estrutura nova, que fora inaugurada há pouco tempo. Naquele momento só soube da existência mesmo, meus amigos que acabaram indo nesses encontros de leitura

de vestibular e me falaram muito bem do espaço. Eu não via a hora de ter uma oportunidade para visitá-la.

Só cheguei a conhecer a Biblioteca Parque Villa-Lobos depois de algum tempo, indo fazer um piquenique no parque com os amigos do cursinho, passamos por lá e foi um dos melhores lugares que eu poderia ter conhecido. Maravilhamento é a palavra para descrever o que eu senti no momento que entrei naquele estabelecimento, que diferente do que eu já havia experimentado é um lugar amplo e com boa iluminação natural, que tem muitos andares, espaços abertos distintos que se integram: espaço de jogos, com computador, leitura de revistas e jornais, espaço de livros ilustrados, literatura brasileira e estrangeira, livros em áudio e braille, diversos tipos de mesas e cadeiras, auditório, salas para cursos, no centro da biblioteca um grande ninho com esteiras para deitar e ouvir contação de histórias, na área externa uma mesa de ping-pong e um espelho d'água e plantas. Foi a primeira vez que vi com meus próprios olhos a biblioteca transbordar para além da sua função mais conservadora. Michel Melot sintetiza isso muito bem ao tratar da função da biblioteca:

A bem dizer, a biblioteca não está na linha da leitura individual. Para alcançar seu ponto crítico, é preciso que a biblioteca tenha incontáveis leitores e muitos outros usos além da simples leitura. A biblioteca existe para a comunidade. (MELOT, 2019, p.12).

A partir dali descobri essas novas funções e desejei participar e me envolver mais nesse ambiente tão culturalmente diverso. Agora, com o acesso a internet, se tornou mais fácil saber e acompanhar a programação através das redes sociais. Desde então a frequento, seja para pegar livros, encontrar com amigos, levar meus primos para jogar, participar de cursos e oficinas, e sempre que passo pelo parque tenho que dar um pulinho na biblioteca. Esse lugar foi responsável por expandir meus horizontes, e foi um importante estímulo para a introdução do hábito de ler em minha vida.

Acolhimento pela BIA - Biblioteca do Instituto de Artes

Em 2018 entrei no Instituto de Artes da UNESP para a formação em bacharelado e licenciatura em Artes Visuais. Na primeira semana de recepção dos calouros ainda não estava me sentindo parte do grupo, já que acabara de entrar e por ser tudo tão novo precisava de um local para me permitir um tempo de absorver tudo o que estava acontecendo. O local no qual me refugiei foi a BIA, Biblioteca do Instituto de Artes. Ali conheci funcionárias e funcionários que foram super receptivos e

acolhedores, hoje muitos são meus amigos, amizades que fui nutrindo ao longo da minha graduação. Apesar do espaço limitado, ela é recheada de atividades propostas pela equipe. Como por exemplo a Semana da Biblioteca, que faz um convite aos estudantes ocuparem a biblioteca com exposição e apresentações. Inclusive foi por meio deste evento, mais especificamente a XIX Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, entre 22 e 26 de outubro de 2018, que tive a minha primeira exposição de obra artística, com as fotografias da *Série Floranas*, flores de casca de banana.

Figuras 22, 23, 24, 25, 26 e 27 - Série Floranas



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Foi uma experiência significativa na minha formação participar de uma mostra artística. Nesse momento eu me senti mais parte do espaço da biblioteca vivendo na prática outra forma de usá-lo, e pude com isso entender melhor como expor um trabalho artístico, aplicando pela primeira vez na prática a curadoria e a expografia.

Além de propor eventos a BIA também tem alguns puffs, mesas com quebra-cabeças, mesa de recadinhos, indicações de livros na estante de curadoria, mesa com doações de livros (inclusive muitos dos livros que tenho em minha biblioteca pessoal provêm de lá), além de sempre ter uma decoração de acordo com o período festivo

do ano, já que o espaço não possui janelas mostrando a mudança do tempo, que a equipe mostra por meio das intervenções no espaço.

Com o período em que o instituto ficou fechado pela pandemia de COVID-19, a BIA buscou uma maneira de interagir com os alunos a distância, sendo mais ativos nas redes sociais, com publicações de sugestões de leituras e recados. Mesmo após o retorno presencial, em 2022, manteve as redes sociais ativas, o que contribuiu para popularizar o espaço.

Retornar ao Instituto de Artes presencialmente após 2 anos de isolamento, devido à pandemia de COVID-19, foi a princípio muito difícil, pois os laços e os ritmos das pessoas se alteraram, seja porque algumas se foram pela COVID-19 e nunca mais irão voltar, seja porque algumas já se formaram ou estão para se formar, e há aí muito desencontro. A biblioteca se torna de novo esse lugar importante para me acolher e retornar a ocupar, ainda mais em pleno ano de escrita do trabalho de conclusão de curso. A equipe como um todo foi muito receptiva e atenta, agradeço muito principalmente pelas conversas com Clarissa Garcia Deutério e Fabiana Colares, trocas desde como funciona o acervo de livros até as etapas de normatização dos trabalhos acadêmicos, contando-me um pouco mais do trabalho delas no espaço. É impressionante ver o movimento que os bibliotecários fazem para fornecer o melhor aos usuários.

O bibliotecário não pode ignorar tal desproporção: mais que vê-la, ele a vive no dia a dia. Esse fluxo permanente de conhecimento publicado, ele o enfrenta corajosamente, agarra-o, engalfinha-se com ele; detém-no, muda-lhe o rumo, direciona-o, filtra-o a fim de distribuí-lo ao leitor sedento de conhecimento. A biblioteca é o lugar indispensável da vida onde o conhecimento decanta. Observe-se como esse oceano furioso se acalma na biblioteca! (MELOT, 2019, p. 10-11).

Como Melot aponta, é um lugar indispensável da vida onde o conhecimento decanta, e na minha experiência pessoal isso se torna duplamente verdadeiro quando busco esse espaço para ir atrás de mais referências e também para dissertar sobre os anos de minha formação neste texto, permitindo que tudo que me afetou e o que elaborei com isso decante por entre essas linhas e depois venha ser impresso e alocado no próprio espaço da biblioteca.

Conhecendo outras bibliotecas

No início de 2022, houve a retomada de algumas atividades presenciais que coincidiram com um novo ciclo e entrada dos novos universitários, os calouros. O prédio do Instituto de Artes da Unesp ainda estava fechado e com entrada proibida devido a determinações da reitoria para a retomada, bem como do comitê COVID interno do instituto. Apesar disso, recepcionar os novos estudantes para a universidade é uma tarefa necessária para acolhimento e integração, ainda mais aos que vêm de outras cidades e estados. Mesmo com o prédio do instituto fechado, o que ia em contra-mão das determinações do estado com relação à retomada das atividades presenciais em São Paulo, nós veteranos ainda assim fizemos uma semana de recepção, que se deu de maneira híbrida, com propostas de atividades online e outras presenciais, porém fora da universidade, devido às ordens institucionais.

Enviei uma proposta de apresentação da universidade com uma caminhada e desenho ao ar livre em volta do campus da UNESP em São Paulo, contornando toda grade que cerca a universidade, e nesse caminhar descrevi a função de cada prédio para ir ambientando os novos estudantes. O evento ocorreu no dia 15 de março de 2022, e nos encontramos às 10h da manhã na calçada em frente ao circo. Vieram calouros dos 3 cursos oferecidos pelo campus: música, cênicas e visuais. Alguns eram de outro estado e estavam se habituando à cidade de São Paulo. Nessa caminhada apresentei as redondezas e também indiquei os lugares mais comuns para comer.

Figuras 28 e 29 - Programação da semana de recepção 2022

Semana de Recepção Caloures 2022

Terça 15

10H Desenhar caminhando, caminhar desenhando. Conhecendo e traçando os espaços futuros.

Um encontro leve ao atravessar a rodoviária da estação Barra funda, bem de frente ao circo do Instituto de Artes, ali será o início do caminhar pelas redondezas. Trajeto de reconhecimento e pertencimento. Através do caminhar e desenhar em grupo, este encontro de ação e criação, será um momento de partilhas, rocas, sobre o bairro, espaços de comer, beber, conhecer e explorar.

Encontro na calçada do IA, na frente da tenda do circo

15H Bate papo e jogos no Discord

Bora se conhecer e jogar Gartic, stop, Among Us e o que mais der vontade.

<https://discord.gg/4hkCfmJGyF> (Servidor no Discord do IA)

21H Peça no Sesc Pompéia

"Com os bolsos cheios de pão" é uma peça dirigida por Vinicius Machado, um dos professores de Artes Cênicas do IA. Bora prestigiar juntos e conversar sobre a peça depois?

Vamos nos encontrar às 20h na entrada do Sesc. O ingresso de meia entrada está R\$20,00 e recomendamos comprar com antecedência no site para garantir um lugar.

Quarta 16

9H Encontro com a seção técnica de saúde

<http://meet.google.com/yww-dcky-pyv>

10H30 Encontro com a Direção e Vice Direção

<http://meet.google.com/vmw-yjuq-ecz>

13H Encontro com Coordenação de Curso e Representantes Discentes de Música

meet.google.com/yaf-csry-zgi

14H Encontro com a Graduação e Biblioteca

meet.google.com/brz-qtem-vri

15H Vem conhecer o Prévia!

O cursinho pré-vestibular de Artes Visuais do IA. É a sua chance de conhecer o projeto e participar da nossa equipe de colaboradores/educadores!

<https://meet.google.com/piq-erac-qvd>

16h Encontro com a Diretoria Técnica de Informática (DTI)

<http://meet.google.com/jmd-rdos-rcn>

Quarta 16

18H Palestrinha BAC022

Uma introdução ao território físico e extensivo do IA, bem como uma discussão sobre a adaptação ao on-line e sobre o equilíbrio entre rendimento acadêmico, saúde mental e trabalho.

<https://meet.google.com/sej-ecya-qvg>

19H Minecraft no IA: Tour do Campus

Recrimos o nosso querido Instituto de Artes da Unesp dentro do Minecraft! Venha você assistir ou jogar com a gente e conhecer como que é o Campus da Unesp na Barra Funda!

meet.google.com/max-tvva-vbc

Quinta 17

9H Encontro de discentes com a chefia do Departamento de Música

meet.google.com/fab-hqam-bnn

14H Xadrez presencial

Encontro com o pessoal do clube de xadrez do IA-IFT pra quem quiser conhecer ou jogar, não importa se está só começando ou se já tem experiência no jogo.

No parque na água branca

Quinta 17

17H Apresentação NUPE - IA

Atividade de acolhimento dos ingressantes negres ou interessados em conhecer mais sobre o NUPE, apresentação do Núcleo Negro para Pesquisa e Extensão do IA.

<https://meet.google.com/cyw-mwpg-qji>

18H BAC 021 - Festa à fantasia

Descrição: Festa à fantasia on-line, onde a fantasia é o bri-ga-tô-ri-IA

<https://meet.google.com/vno-szqd-awy>

19H LAT022, vem conhecer o Heleny Guariba!

Conversa para apresentar o cursinho popular Heleny Guariba e tirar dúvidas dos ingressantes sobre seu funcionamento.

<https://meet.google.com/sam-mwgu-enk>

20h Abraço virtual

Um encontro entre alunos de LAT021 e LAT022, para realizar acolhimento, jogos, conversas. Troca de experiências entre aqueles que ainda se sentem caloures e os caloures.

<https://meet.google.com/mdj-emuz-jkr>

Sexta 18

10H Piquenique com arte

Bora se conhecer! A ideia é se encontrar na área de piquenique do Parque da Água Branca e fazer uma espécie de sara. Tragam comidas, instrumentos, cestas, propostas de jogos teatrais e o que o coração mandar. Aberto para todos os cursos, caloures e veteranos.

Parque da Água Branca (Área de Piquenique)

14h SINESTESIA!

Venha com a gente fazer desenhos e músicas juntos! A ideia é que alguns possam tocar músicas enquanto outros traduzem os sons em desenhos.

Parque da Água Branca, ponto de encontro: IA

16H Vem conhecer o Cursinho Popular Heleny Guariba! (BAC)

Apresentação do cursinho que ajuda na preparação de estudantes para as provas de habilidades específicas.

<https://meet.google.com/dyd-fyyw-gez>

19H Bar da dona nilza

Venha conhecer o local mais frequentado pelo IA! Bora tomar uma breja e se conhecer no Bar da Dona Nilza (Av Thomas Edison 257)

Sábado 19

14H Visita à exposição do Sebastião Salgado

No Sesc Pompéia

15H Encontra PET!

Bora se conhecer e conhecer o PET Música antes dessa caótica volta presencial!!! Venham se divertir nos jogos calourosos antes que o verdadeiro jogo comece!

Encontro na frente do IA e caminhada até o Parque da Água Branca

Terça 15

10H Desenhar caminhando, caminhar desenhando. Conhecendo e traçando os espaços futuros.

Um encontro leve ao atravessar a rodoviária da estação Barra funda, bem de frente ao circo do Instituto de Artes, ali será o início do caminhar pelas redondezas. Trajeto de reconhecimento e pertencimento. Através do caminhar e desenhar em grupo, este encontro de ação e criação, será um momento de partilhas, rocas, sobre o bairro, espaços de comer, beber, conhecer e explorar.

Encontro na calçada do IA, na frente da tenda do circo

Fonte: página do Diretório Acadêmico do IA no Instagram.⁴

Em busca de um ambiente que nos acolhesse e assim pudéssemos ouvir melhor uns aos outros ao nos apresentarmos de maneira mais próxima e com menos ruídos da rua, sugeri irmos ao Memorial da América Latina, que fica próximo do instituto. Chegando lá, um dos espaços que estava aberto era o da Biblioteca Latino-

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cb1RTZ-r9ZB/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

Americana, que fica dentro do memorial. Entramos nela com um grupo razoavelmente grande, de 17 pessoas; pedi licença ao segurança do espaço e perguntei se poderíamos sentar no chão em roda para conversarmos, foi autorizado e nos sentamos no chão, mas logo de imediato fomos acolhidos pela bibliotecária Marina Gugliotti Pestana que sugeriu usarmos o auditório da biblioteca para termos mais privacidade e conforto.

Figura 30 - Registro de ocupação do auditório da Biblioteca Memorial América Latina



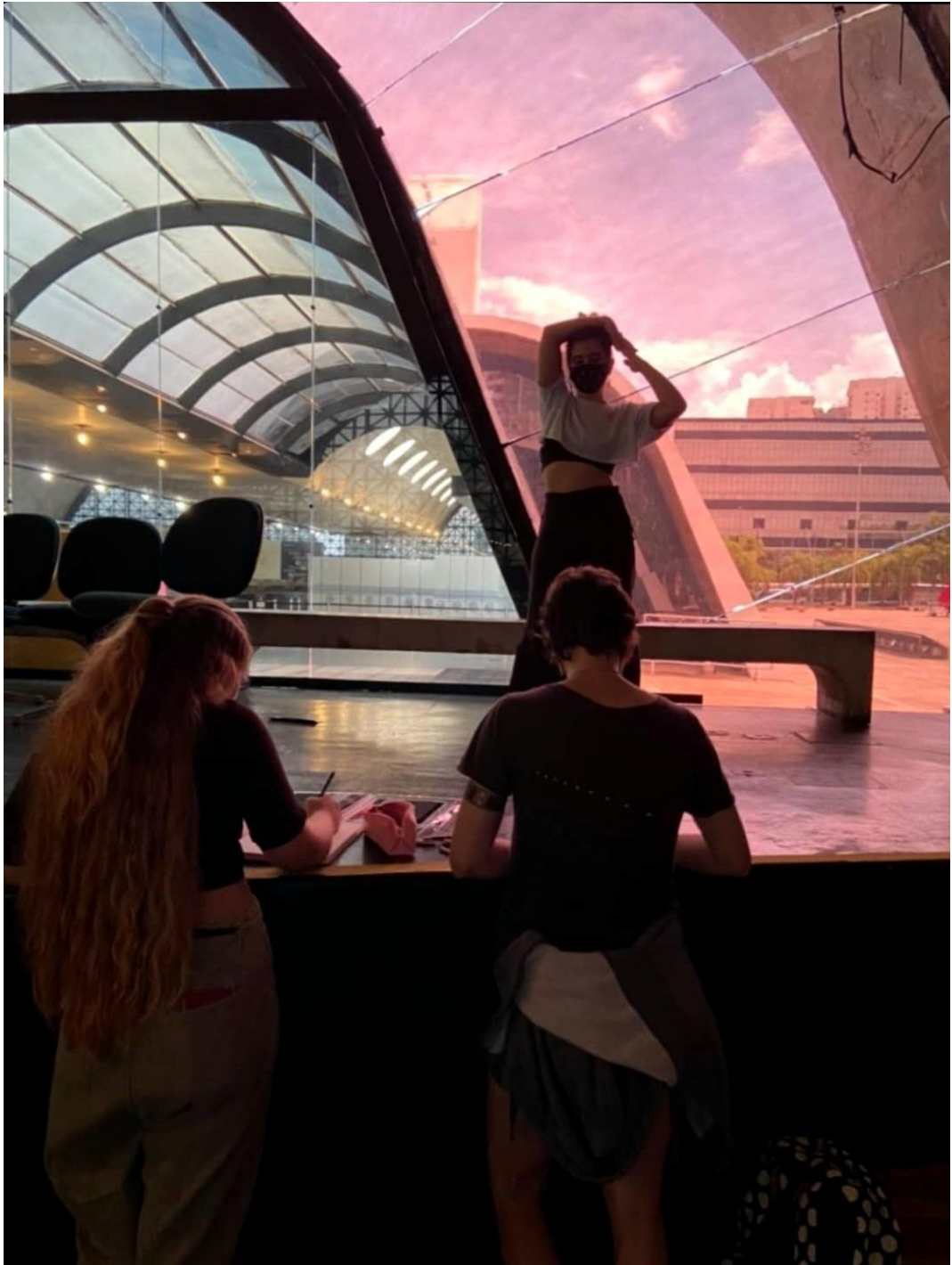
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Foi um encontro muito feliz, conheci mais de Marina enquanto o pessoal entrava no auditório, e ela me contou sobre a biblioteca e seu acervo, que tem como missão organizar e disponibilizar acervo especializado em América Latina, proporcionando o acesso à informação sobre os países desta região, contribuindo com o ensino, pesquisa e extensão cultural.

Dentro do auditório conseguimos mais conforto e pudemos ouvir uns aos outros numa apresentação curta com os seguintes tópicos: nome, idade, curso que entrou, signo, pronome com que prefere ser tratado e alguma coisa que goste. Depois disso, propus que fizéssemos desenhos de observação de modelo vivo colaborativo, ficando a escolha de cada um posar e/ou desenhar, uma pequena mostra dessa atividade tão comum no curso de artes visuais, principalmente como atividade de extensão proposta

pelos monitores de desenho e pintura nos ateliês do quinto andar, a atividade proposta pelos monitores foi retomada esse ano em conjunto com a divulgação de suas ações pelas redes sociais no @iamodelovivo. Alguns não quiseram nem desenhar nem posar, queriam só ficar junto conversando. Quem estava com materiais para desenhar, como papel e lápis, compartilhou com quem estava sem, e assim todos puderam participar da atividade.

Figura 31 - Registro de ocupação do auditório da Biblioteca Memorial América Latina



Fonte: Victor Costa, 2022.

Figura 32 - Registros dos desenhos feitos da atividade de recepção dos calouros no Memorial



Fonte: Mirella Lima Cserba, 2022.

Após algumas horas, já no horário de almoço, saímos de lá e fui lhes apresentar o Bar da Dona Nilza, que é um lugar de socialização próximo da universidade onde se encontram alguns estudantes, ex-estudantes e professores do Instituto de Artes após o horário de expediente. Por ali mesmo me despedi e deixei que continuassem o entrosamento sem mim. Foi uma atividade importante de acolher os novos estudantes antes do retorno presencial, para iniciarem a vivência universitária desejada e ampliarem seus laços e conexões.

No final do segundo semestre busquei saber como foi esse dia para essas pessoas, pedi que me enviassem um pequeno relato das impressões que tiveram. Deixo aqui o relato de um dos estudantes, João, que hoje se tornou um grande amigo após muitas trocas durante os almoços no refeitório, ele compartilhou seu singelo olhar sobre aquele dia:

Após dois anos de isolamento social, atendendo às medidas preventivas para a contenção do vírus COVID-19, aos poucos, observei e me envolvi – assim como milhões de pessoas – à retomada de uma série de atividades presenciais, inclusive o retorno parcial desta modalidade em instituições de ensino – como as Universidades.

Coincide que no mesmo período, fui aprovado em Artes Visuais. A conjunção de dois eventos (a flexibilização das atividades presenciais e o meu (re)ingresso ao ensino superior) em um mesmo momento veio acompanhado de incerteza e expectativa, sentimentos/impressões que se justificam através uma única e objetiva pergunta: como seria a recepção de alunas/os/es ingressantes? Para a diretoria do Instituto, a recepção aconteceria de forma remota; na contramão, para as/os/es estudantes, aconteceria de forma presencial – uma vez que a maioria das atividades no mesmo modelo já haviam retomado, inclusive em outras instituições públicas de ensino e pesquisa. E seguindo na contramão – porém ainda se atentando às medidas de contenção da disseminação do vírus – estive nas atividades organizadas para receber as/os/es calouras/os/es, mobilizadas pelo corpo discente. Foi um momento lindo de acolhimento e ingresso, tive a oportunidade de conhecer pessoas muito generosas e lugares externos à própria instituição – como o Parque da Água Branca e a biblioteca do Memorial da América Latina.

Ainda sobre a recepção, percebi como um gesto tão simples de acolhimento possibilita tanto uma segurança de fundar raízes como um processo mais sincero de integração – deixar isto registrado não significa que são perenes, mas deixa marcado a efetiva existência de algo; pessoas, lugares e momentos.⁵ (informação textual por whatsapp)

Além de perguntar para os estudantes, não pude deixar de perguntar para a Marina, bibliotecária que nos recebeu com tanto carinho.

Olá, Alice

O prazer foi todo meu em te conhecer e poder recebê-los aqui!

Acompanho seu trabalho e noto o amor que você tem pelos livros e pelas bibliotecas!

O que eu poderia dizer? Receber um grupo de universitários tão interessantes e interessados no espaço de uma biblioteca, principalmente em tempos onde a virtualidade ganha cada vez mais lugar, foi muito gratificante. Não vai aqui nenhuma crítica ao acesso que os arquivos e bibliotecas virtuais proporcionam. Eu mesma quando fiz minha pós graduação utilizei desses recursos, o que me poupou tempo e dinheiro. Ao mesmo tempo, sabemos que nem tudo está disponível on-line e que os espaços físicos que reúnem e preservam o conhecimento, como os museus, arquivos e bibliotecas sempre existirão. Não existe o virtual sem o real. Além disso, esses espaços são lugares de encontro e de troca. De olhares e reconhecimentos. Isso nunca poderá se perder.

É justamente essa sensação que se renova quando temos a oportunidade de receber pessoas como você e seu grupo de caloures. As portas sempre estarão abertas para vocês.

Grande abraço.⁶

⁵ João, ingressante de Artes Visuais em 2022. Relato recebido pelo Whatsapp em 07/11/2022.

⁶ Marina Gugliotti Pestana. Relato recebido pela caixa de mensagem do Instagram em 07/11/2022.

Em 2022 tive a oportunidade de conhecer a Biblioteca Mário de Andrade através de um evento com curadoria de Alexandre Rosa e Álvaro Machado, a programação com recitais de música erudita brasileira, com primeiras audições mundiais. Após frequentar pela primeira vez, tive vontade de retornar mais vezes para estudar no espaço, e foi uma experiência ótima, por ser a primeira biblioteca que visitei que fica aberta até às 21h, enquanto que as que eu já conhecia fechavam entre 18h30 e 19h. Estudando por ali foi possível perceber a diversidade de público que usufrui do espaço, já que a biblioteca fica no centro da cidade de São Paulo e fecha mais tarde da noite, e torno a citar Michel Melot “A biblioteca existe para a comunidade.” (MELOT, 2019, p.), assim, atende mais amplamente a comunidade ao entorno.

Lugares de auto atualização

Ainda em se tratando das outras funções da biblioteca, uma em particular que me faz associá-la também a um espaço de arte e educação é a oficina. No final de 2021, com a volta às atividades presenciais, participei de uma oficina chamada “O livro ilustrado como experiência”, ministrada pelo artista plástico, ilustrador e autor Fernando Vilela, na Biblioteca Parque Villa-Lobos (BVL). O nome da oficina foi atrativo para mim, que naquele contexto estava lendo sobre os escritos de Walter Benjamin a respeito de livros infantis velhos e esquecidos. Seria a minha primeira atividade presencial e com parte prática depois do longo isolamento. Foram 2 dias, 01 e 02 de dezembro de 2021, das 15h às 18h, nas salas de oficinas da BVL.

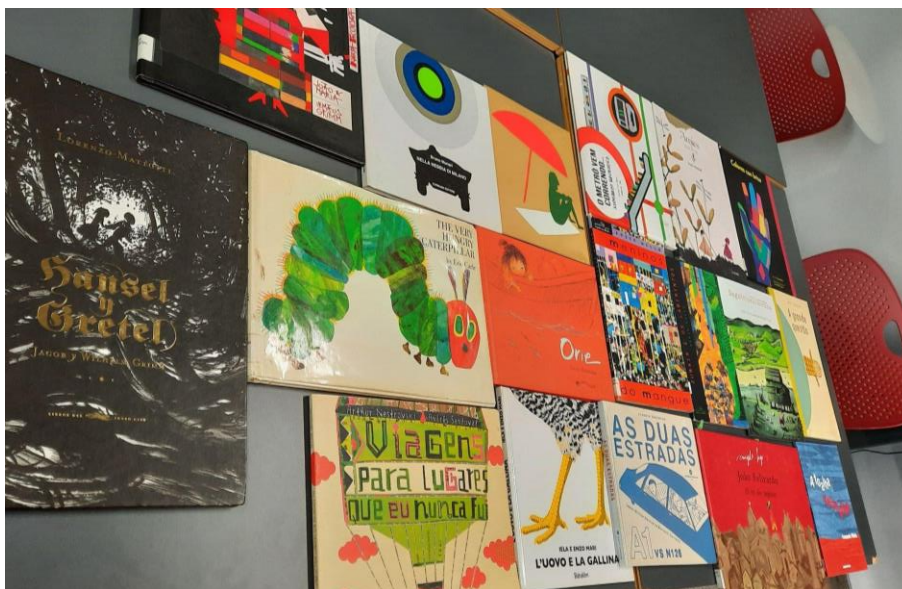
No primeiro encontro Fernando Vilela fez a seguinte pergunta para os que estavam presentes na sala. “Qual o nome do curso?” Eu e alguns falei de imediato “livro ilustrado infantil”. O termo infantil foi dito pela grande maioria e Vilela esperava por isso quando fez a pergunta, logo depois corrige apresentando o nome do curso: O livro ilustrado *como experiência*. Na sequência, faz outras perguntas disparadoras: Ilustração é coisa infantil? Onde foram parar as imagens dos livros? Por que conforme vamos crescendo na escola as imagens dos livros vão se reduzindo até não sobrar mais nenhuma? Será que o sumiço das imagens implica na diminuição de leitores conforme vão crescendo?

Após ter apresentado o curso e feito as perguntas disparadoras, todos os presentes fizeram uma breve apresentação. O mais curioso da turma inscrita era que só tinha eu que não era da equipe da biblioteca, talvez por ser uma das primeiras

atividades presenciais após o isolamento da COVID-19. Todos os outros participantes eram funcionários da BVL, principalmente nos cargos de auxiliares de leituras, que segundo o Sistema Estadual de Museus (SISEM-SP), instância da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo (SEC), tem a função de acolher, orientar e estimular o público para utilização da biblioteca e seu acervo. Orientar o público para a utilização dos computadores disponíveis para o acesso à internet; desenvolver atividades de ação cultural; orientação e mediação de leitura; auxiliar as funções do auxiliar de biblioteca no cadastro dos usuários, empréstimos de livros e organização do acervo; auxiliar na produção das atividades da programação cultural da biblioteca, como fotografar e acompanhar as atividades. Eu estava numa sala repleta de contadores de histórias e os motivos que os levaram a se interessarem pela oficina foram a oportunidade de ampliar as habilidades de contar histórias no Ninho (lugar central da biblioteca onde fazem uma atividade de contação de histórias dos livros presentes no acervo), desenvolver mais capacidade de interpretação e criar ilustrações.

Já com todos apresentados Fernando colocou sobre a mesa diversos livros ilustrados entregando um a cada duas pessoas e instruindo que a pessoa ao lado seria a dupla para a próxima atividade, que consistiria em ler o livro em conjunto, olhando os elementos da escrita, imagem, tipo de ilustração e da narrativa. Para depois fazermos a leitura do livro em voz alta para a sala e no fim compartilharmos observações.

Figura 33 - Livros usados como referência para oficina de livro ilustrado



Fonte: acervo pessoal, 2021.

No primeiro dia, foram feitas leituras e observações sobre os livros, desde seus elementos externos – marcador, sobrecapa, capa, lombada, orelhas, guarda, miolo, até os elementos internos. Um olhar atento desde as escolhas da tipografia, as informações e ilustrações que começam da capa e terminam no outro extremo, passando pelas folhas guarda como uma iniciação a narrativa até o formato e o tipo de capa. Estar entre eles, ouvindo cada dupla contar a história do livro ilustrado, foi um momento mágico de imersão profunda. Parecia que eu entrava em cada livro e vivenciava junto com os personagens. Foi reconhecer a interação do livro com o leitor e ouvinte, uma experiência bem distinta de quando se lê para si mesmo.

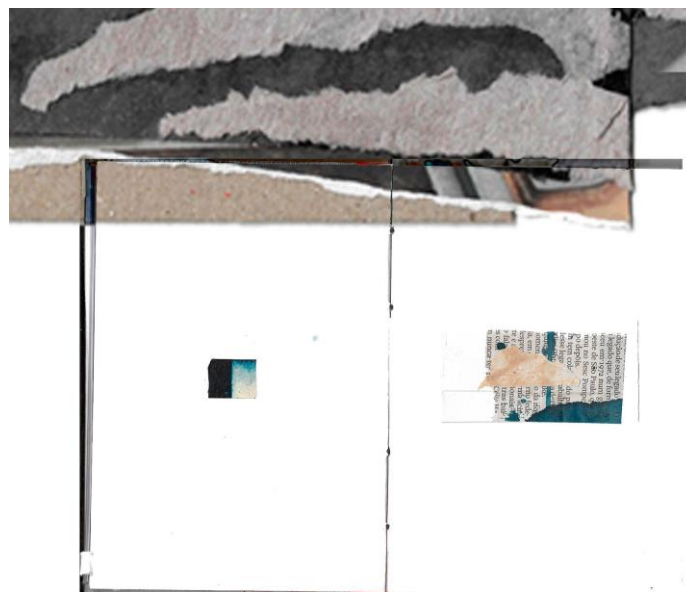
No segundo dia, já que estávamos preenchidos de tantas referências e com o olhar sensibilizado desde do dia anterior para os mínimos detalhes de significados presente nas obras literárias, estávamos prontos para colocar a mão na massa soltando nossa criatividade na parte prática. Sobre a mesa havia algumas folhas sulfite nas cores amarela, azul, verde e rosa, e alguns materiais como canetinhas, colas e tesouras.

A orientação era que cada um pegasse duas folhas de papel da sua escolha, de preferência de cores diferentes, uma canetinha e depois colocasse sobre o papel um objeto de sua escolha, que já tivesse consigo. Feitos esses passos, passando para o colega do lado o papel e o objeto. Ali iniciava a segunda atividade, com os papéis e objetos tivemos 15 minutos para esboçar uma narrativa curta com aqueles elementos

em mãos, e depois fomos orientados a usar as folhas para criar uma ilustração da nossa narrativa em mais 30 minutos. Era livre a maneira de construir, porém, devíamos nos limitar ao que tínhamos em mãos. No final, apresentamos para a turma a história a partir da ilustração. Foi muito divertido! Saiu cada história com essa atividade. E assim se encerrou a oficina que foi muito significativa para mim, tanto me ensinando a olhar para os livros de uma outra forma, quanto como mediar um aprendizado, desenvolvendo a criatividade por meio de uma oficina.

A biblioteca, ao oferecer esse tipo de ação, proporciona uma auto atualização dos sujeitos. Já que traz conteúdos atualizados para serem difundidos e apropriados por meio da ação e relação.

Ter vivido essa oficina foi de suma importância como referência para a elaboração das minhas próprias oficinas. Refleti muito sobre arte e educação, e pensei que antes somos leitores de imagens e depois leitores de textos. O que une todas as culturas é a cultura visual. Por ser predominante, a imagem seria talvez a solução da narrativa da Torre de Babel, o mito fundador que explica a razão de existirem diferentes línguas. As culturas visuais têm suas diferenças, mas possuem uma mediação mais assertiva que une as pessoas de diversos lugares, origens e faixas etárias. A importância do espaço da biblioteca está para além dos livros, quando integra as várias formas de registrar e criar vínculos com a história e as pessoas, fornecendo espaço para outros tipos de linguagem além da escrita e estabelecendo pontes para convívio de um espaço vivo em que o conhecimento circula e ocupa.



Elaborando coletivamente uma oficina de didática - Nosso Livrão

Como pode, sem ensino

A gaivota pequenina

Tão menina voar pela primeira vez?

OSWALDO MONTENEGRO, ARLINDO CARLOS SILVA DA PAIXAO

Em 2021, durante a disciplina anual de Didática Geral, ministrada pela professora Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli, que tem como objetivos “Conhecer e analisar concepções didáticas a partir da leitura de autores clássicos e contemporâneos em relação à própria experiência como discente ou docente”. Estabelecer relações entre teoria e prática na elaboração de uma didática específica para o ensino da arte. Discernir, discutir, elaborar e reelaborar procedimentos e instrumentos didáticos.”⁷

Após conhecer as abordagens didáticas e discutir muitos textos, ampliando o nosso repertório e as referências de base para a prática docente, foi proposto pela professora o desenvolvimento de uma ocupação, que poderia ser uma oficina prática ou uma aula, para aplicar com os colegas de sala ou fora, em uma escola, sendo que se fosse aplicada fora era preciso compartilhar a experiência com a turma, mostrando como foi desde o surgimento da ideia, a elaboração, o desenvolvimento até os resultados desta aplicação. O objetivo dessa atividade era colocar em prática um plano de aula ou uma oficina que fosse elaborado por nós dentro dos nossos interesses para que assim pudéssemos experimentar como é elaborar uma aula e aprimorar nossa didática a partir das trocas de impressões com a turma, já que é uma formação para futuros educadores e a experiência prática é de suma importância para a qualificação profissional.

Por sermos uma turma grande e não dispormos de tantos encontros para apresentação e aplicação das propostas a professora sugeriu que nos juntássemos em grandes grupos ao invés de fazer propostas individuais, para isso era preciso reunir as pessoas com temas em comum e uma maneira de fazer essa conexão foi a criação de um documento Word online, no qual todos pudessem ver e escrever colocando suas propostas e interesses. Dessa forma encontrei o meu grupo. Tive a

⁷ BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. **Plano de ensino:** disciplina LAV6750TER10 - Didática Geral. Curso BLAVL15 - Licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Artes da UNESP, 2021.

oportunidade de me desenvolver com um grupo de mulheres criativas, são elas Ana Luiza Bozollan, Beatriz Anhaia Pereira, Larissa Monteiro Gonçalves Tomas e Raquel Nagy Duran. Nos unimos pela temática em comum: o livro ilustrado no universo infantil.

Com o grupo formado tivemos vários encontros para alinhar e pensar mais objetivamente no que queríamos fazer. Foram encontros e desencontros online, pois a UNESP ainda vivia em um momento de educação remota devido à pandemia de COVID-19 e poucas de nós estavam trabalhando presencialmente. A princípio, como o grupo se juntou espontaneamente criando um coletivo, pensamos então numa proposta de oficina coletiva, mas faltava ainda o “como?”, encontro vai, encontro vem; o que fazer? Como fazer? O que compartilhar?

Após o primeiro encontro virtual o medo, a ansiedade e insegurança me abateram, pois de imediato não houve entrosamento entre nós, já que éramos muito diferentes umas das outras, e a impressão que tive foi de que todas esperavam que uma tomasse a frente, para liderar e decidir pelo grupo, sendo uma espécie de coletivo hierarquizado, já que estamos acostumadas com esse tipo de dinâmica onde há um líder e uma relação verticalizada. Eu resisti e não quis controlar, gostaria naquele momento que deixássemos fluir o trabalho de maneira coletiva. Foi preciso ter paciência para construir uma relação horizontalizada, tanto de poder como de responsabilidades, foi preciso despertar no outro o interesse de ouvir através do seu próprio querer ouvir, isso no tempo de abertura de cada um, mas sempre atentando para as responsabilidades individuais que colaboraram para o coletivo.

Aos poucos fomos criando laços de maneira orgânica, trocando repertórios, demonstrando mais explicitamente os interesses dentro do universo da ilustração e compartilhando a nossa produção artística individual. Nesse caminho foi sendo desenvolvido afeto, aproximação e confiança, que permitiram a construção da nossa oficina, já que por fim conhecemos mais umas às outras, dessa maneira soubemos melhor em que cada uma gostaria de contribuir e como.

Montamos a oficina que queríamos aplicar com crianças dentro do ensino formal, naquela época, uma das integrantes estava estagiando em um colégio para uma turma de 2 a 3 anos de idade, em uma escola particular numa região nobre de São Paulo. Com autorização da professora da instituição, nos foi permitido que aplicássemos a atividade com as crianças na última semana de aula, como um encerramento de semestre.

Para elaborar a oficina discutimos previamente o que tinha sido desenvolvido com os pequenos ao longo do semestre. A integrante que estava trabalhando com a turma desde o início do ano compartilhou em uma das reuniões o que tinha sido abordado e como foram as dinâmicas vivenciadas pelas crianças durante as aulas, o que foi levado em consideração. Segue a sequência didática elaborada por nós antes da aplicação:

Sequência didática: Nosso Livrão

Grupo: crianças de 2 e 3 anos

Área predominante: língua Portuguesa e Artes

Tempo previsto: 5 dias

Ao longo do ano o grupo vivenciou atividades que aproximam as crianças dos livros, histórias e narrativas, como na sequência “Nossos Livros Preferidos” e “Contos tradicionais”. A sequência didática “Nosso Livrão”, no final do ano letivo, pretendeu relembrar as experiências vividas nessas sequências e nos outros diversos contatos com contações de histórias que ampliaram o repertório de histórias, recursos de narrativa e fortaleceram a postura de leitor; retomar elementos apresentados e percebidos nos livros como personagens, imagens, textos, autor, capa, livros brinquedo e a materialidade; oferecer a possibilidade de criação coletiva de um livro –a história, as ilustrações e a materialidade do livro.

Desta forma, as crianças puderam ampliar o vocabulário, perceber o repertório de histórias acumulado durante o semestre, se apropriar dos enredos e materiais oferecidos, atribuindo novos sentidos a eles, contando e explorando-os de diferentes maneiras, criando suas próprias narrativas.

Expectativas de aprendizagens:

- Promover a troca entre as crianças;
- Reconhecer no livro as histórias, personagens, imagens, texto e autorias;
- Perceber e comparar elementos em comum entre as histórias;
- Ampliar o vocabulário;
- Desenvolver e refinar o repertório de relatos de histórias e narrativas;
- Participar de momentos de locução e ouvinte;

- Seguir instruções e solicitações simples e pontuais;
- Conversar em grupo (roda de conversa informal): expressar-se oralmente em situações coletivas de comunicação com apoio de recursos e/ou do professor, que as auxilia na construção de seus relatos;
- Criar trechos de histórias utilizando recursos expressivos próprios e objetos de apoio;
- Diferenciar as marcas escritas de imagens ou fotos;
- Experimentar e pesquisar o uso dos materiais, seus processos, possibilidades expressivas e simbologia do uso;
- Aguçar o olhar da criança para a possibilidade de materializar sua imaginação em produto criativo.

Etapas/atividades prováveis:

1) Roda de conversa de retomada de experiências e aprendizados e convite de construir um livro juntos	Retomar temáticas anteriores (livros lidos, preferidos, histórias de boca).
	Levar livros para explorar (imagem, texto, composição, texturas, narrativas).
	Discutir autores dos livros (como é a dinâmica de escrita x ilustração).
	Livro coletivo: na parede da mostra e livro TCC da Jennifer.
	Propor a construção de um livro juntos nos próximos encontros (a narrativa de vocês é importante, bora compartilhar com os outros e juntos?). Pergunta direcionada: se fossem escrever um livro, sobre o que vocês escreveriam? (Registrar).
2) Apresentar a materialidade do Livrão, colagem de texturas e apreciação, manuseio e	Mostrar Livrão (cartolinas coloridas dobradas ao meio: A2 virando um livro A3 presas com prendedor de papel) coletivo (de todo mundo), citando características em comum de livros.
	Lembrar o livro de texturas do lobo que Kenji levou, e mostrar

compartilhamento de sensações	registros das nossas músicas (Pula pipoquinha e Meu pintinho amarelinho) que têm elementos com texturas.
	Desmanchar o livro – soltando as folhas – formar duplas para cada folha. Crianças escolhem texturas (materiais diversos dispostos numa mesa: papel, lixa, algodão, emaranhado de lã, imagens de revistas, etc) e as colam nas páginas em duplas.
	Juntamos páginas e em roda folheamos o livro e cada criança sente e fala o que as texturas, as imagens, a composição lembram, coletar palavras, incentivar a criatividade.
3) Folhear o Livrão e criar uma narrativa coletiva	Retomamos o Livrão, a ideia de coletivo (páginas são de todos, não tem o dono de quem colou), ler o registro das palavras coletadas, a história inventada, para inspiração da narrativa coletiva.
	Na roda, a ordem de fala será a posição de cada um em sentido horário, a cada criança uma página é virada e na sua vez cria uma parte da história. (se necessário, para crianças que estejam dispersas, lembrar a narrativa até então contada, sem pretensão de linearidade, apenas pelo sentido de junção).
4) O Livrão tem texto e texturas, vamos ilustrar	Leitura do Livrão e conversa sobre ilustração.
	Selecionadas 4 “cenas”, passagens e trechos, colar na parede 4 cartolinas, separar 4 grupos, cada grupo uma “cena”. Com canetinhas pretas as crianças vão desenhar a cena lida coletivamente, mas não simultaneamente. A leitura da passagem é feita, e uma criança em sua vez se levanta e desenha na folha enquanto as outras observam, assim vão sucessivamente adicionando elementos ao desenho.

Atividade reservada ao grupo de didática: montagem: diagramação, colagem, texto, desenhos, capa (externo à escola).	
5) Livrão pronto	Livrão pronto para leitura, ver e manusear e Livrão digital para famílias e pra nós.

Orientações didáticas:

- Observar e anotar curiosidades, comentários, relatos e formulações das crianças na conversa sobre os livros lidos e conhecidos e suas características em comum;
- Estimular com perguntas e anotar suas ideias sobre temas de possíveis livros, interessa que todos participem neste momento, se necessário fazer perguntas diretas e fechadas;
- Observar as sensações das crianças ao apreciar as texturas – anotar as falas;
- As texturas têm o intuito de estimular a criatividade e a memória a partir de sensações;
- Acompanhar e estimular as falas das crianças, no intuito de compreender as suas teorias, formulações, sensações e sentimentos;
- Acompanhar as produções do grupo e pensar numa continuidade do trabalho a partir das questões e observações levantadas pelo grupo;
- Sempre que necessário, apontar o caráter coletivo da atividade, reforçando a riqueza da junção de ideias diferentes.

Possíveis perguntas para o educador fazer durante as atividades:

- | | |
|---|------------------------------------|
| • Se fossem fazer um livro, sobre o que vocês fariam? | • Onde acontece? |
| • Qual sua história favorita? | • Sobre o que você gosta de falar? |
| • O que acontece nessa história? | • O que acontece depois? |
| • Quem participa dessa história? | • O que isso te lembra? |

Acompanhamos a cada dia a aplicação da atividade por meio do grupo no WhatsApp, já que não tínhamos a autorização de entrar na escola por questões de segurança e devido ao contexto de pandemia, ficando a cargo da integrante do grupo que era estagiária a realização em conjunto com outra estagiária do colégio. Eu e as outras oferecemos nosso apoio, através de trocas de áudios, fotos e vídeos, fomos construindo juntas.

Todas se comoveram e se moveram, o livro, a ação, o tempo, a experiência tocou a todas. Juntas estávamos motivadas a finalizar o trabalho de didática tanto para fazer a versão final para as crianças quanto para compartilhar a experiência com nossa sala.

Após os 4 encontros da oficina, ficamos responsáveis pela montagem do Nosso Livrão, digitalizando as páginas, incluindo os textos, cuidando da editoração, ilustrando outras partes e fazendo a impressão desse trabalho conjunto, então fragmentamos as tarefas que estavam mais atreladas ao interesse de cada uma, ou seja, atividade que estava mais ligada ao nosso desejo além das habilidades que cada uma já tinha, como editoração, edição de imagens, impressão, desenho e colagem. Segue em anexo o resultado desse trabalho coletivo tendo uma versão entre as páginas deste presente trabalho, fazendo parte da minha história.

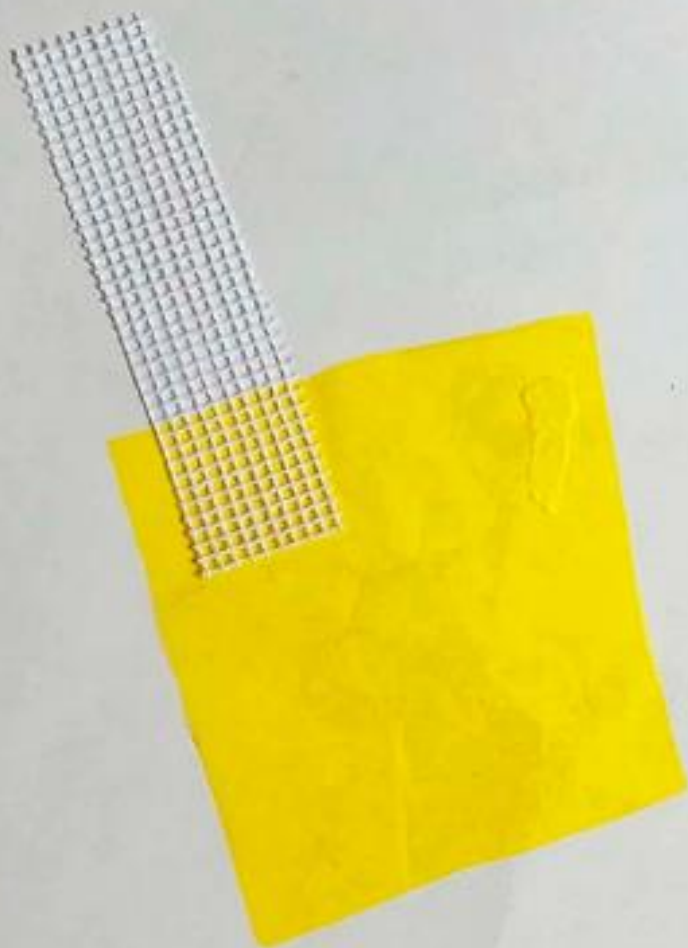
NOSSE LIVRO

G2
e





Era uma vez um sorvete.



**Um sorvete muito engraçado, não
tinha teto, não tinha nada.**

Sorvete maluco, de limão.

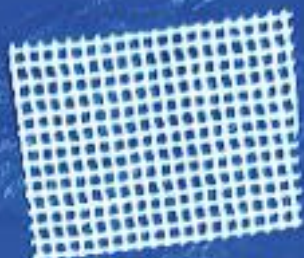


**AI CHEGOU UM TRIANGULO,
TINHA UMA BOLA, DUAS BOLAS,
TRÊS BOLAS E COLA.**



UM QUADRADO

E TEIA.



O SORVETE DE LIMÃO DERRETEU.

P A P O M E N T U .

TÁ

FEIO.

E ELE SAIU ROLANDO NO CHÃO.



**AÍ APARECEU UM SORVETE DE MORANGO,
DE CHICLETE, DE ABACAXI, XIXI.
ELES DANÇARAM E DERRETERAM TODOS JUNTOS.
A GENTE NÃO COME SORVETE DERRETIDO,
A GENTE FAZ MAGIA.**





E DE CHOCOLATE.

UM GATINHO.

**O GATO COMEU COMEU COMEU OS
SORVETES DERRETIDOS.**

ESSE É A LUA.

ESSE É O SOL.

UMA CAMA

E

OUTRA CAMA,

DA LAURA, DO MARTIN,

DA ALICE E HELENA,

DO NINO, DO MIGUEL.

CAMA DE TODOS. LAURA, MARTIN, HELENA, NINO, MIGUEL...

CLARICE, MARINA, KENJI, MIA, ISADORA, CABO, ALICE, LINA E

NOAH, TODOS NAS CAMAS, MENOS A LARISSA, VITORIA E

ROBERTA QUE SÃO GRANDES, NEM A MAMÃE.

O GATO COMEU O CHOCOLATE.





AQUI É A LUA



ESSE É O CARRO.



UM CURATIVO

UM LÉLEGO DE FALAR.



ESSE É MEU PIRATA.

ESSE É MINHA LUA.



UMA LUA DE CHOCOLATE.



**EU COMI O ÚLTIMO. EU COMI UMA ÁGUA. EU COMI UMA
ÁGUA. E AUM MIAUMIAU NHAM NHAM NHAM NHAM.
MUITO CHOCOLATE... NHAM NHAM NHAMNHAMNHAM...**

E COMO A HISTÓRIA ACABOU?



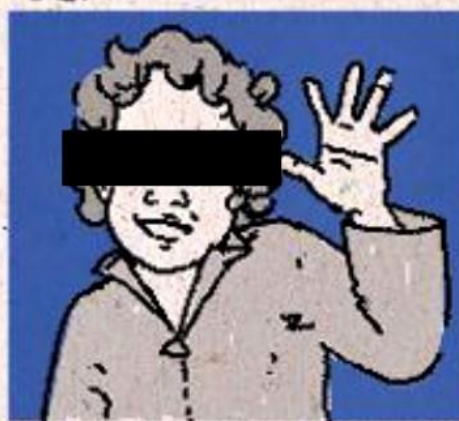
TODOS COMERAM TODO O LIVRO.

AUTORES E ILUSTRADORES:

ALICE



CLARICE



GABRIEL



ISADORA



HELENA



MARTIN



KENJI



LAURA



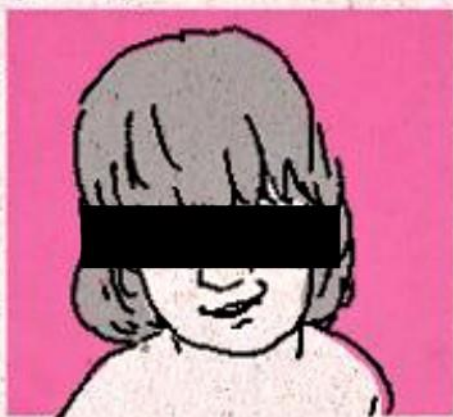
MIA



LINA



MARINA



MIGUEL



NINO



RAQUEL



ANA



LARISSA



ROBERTA



BEATRIZ



ALICE



VITORIA





The background of the page is an abstract composition of soft, out-of-focus splatters in shades of teal, light pink, and pale yellow. These colors are scattered across the entire surface, creating a textured, watercolor-like effect. In the upper-left quadrant, there is a solid dark red rectangular box. Inside this box, the year '2021' is printed in a large, bold, white sans-serif font.

2021

Na parte do *Livrão* onde se encontram os retratos dos autores e ilustradores possuem em algumas tarjas pretas sobre os olhos em especial dos pequenos que participaram da oficina e tem o intuito de proteger a imagem destes.

Antes de compartilhar nossas interpretações e análises do resultado do *Nosso Livrão*, pretendo compartilhar as mudanças da sequência didática que ocorreram durante a aplicação, além de também partilhar a recepção das crianças com a proposta e a interação que tiveram a cada encontro. Tudo foi levado em consideração para nossa reflexão crítica em articulação com textos teóricos sobre educação.

Os encontros da oficina ocorreram entre os dias 06 e 10 dezembro de 2021 e tivemos um dia extra com a leitura da versão diagramada e impressa com nossa contribuição artística, no dia 17 dezembro 2021, que coincidiu com último dia de aula do ano, pois não foi possível fazer a parte digital e colaboração artística em apenas um dia, mais precisamente numa noite, para ser entregue no 5º e último encontro da oficina, foi preciso uma semana. Essa foi uma das primeiras mudanças na sequência didática, percebemos que eram necessários mais dias para devolver a versão do livro finalizado. Apesar disso, no quinto encontro houve sim a leitura do *Nosso Livrão*, da versão física e analógica que tinha sido manipulada por eles, com o diferencial de terem sido acrescentados os textos da narrativa feita no dia anterior e que foram impressos e colados com fitas coloridas nas páginas do livro, entretanto, estava sem elementos pré-textuais e pós-textuais – além da falta da nossa colaboração, que aparecem apenas na versão impressa que foi apresentada para o grupo no último dia de aula. Houve uma atividade paralela proposta pela professora da turma de pinturas com gelo colorido, os resultados dessas pinturas foram sendo incluída por eles na narrativa quando contaram sobre sorvete e por nós que relacionamos e incorporamos no livro, sendo as folhas guardas e no fundo das ilustrações feitas desenhos com canetinha preta. A primeira folha guarda após a capa estão todas as pinturas elaborada por eles e a penúltima tem-se a versão delas no molde de sorvete que foi elaborado por nós da oficina.

Figura 34 – Criança pintando com gelo de anilina



Fonte: Lari Tomas, 2021.

A leitura no último encontro foi emocionante. Recebemos o vídeo da leitura que descrevo a seguir. Em roda, todas sentadinhas no chão, se dispunham as crianças, enquanto a integrante do nosso grupo fazia a leitura em voz alta, mostrando as páginas. Agora havia outros elementos, como desenhos pintados por eles em outras atividades, como as folhas guardas com pintura de gelo com anilina. O texto estava mais conectado entre as páginas com grifos e cores. Os pequenos estavam animados com a leitura e empolgados a cada virar de página, alguns soltavam as falas e coisas que já iriam acontecer demonstrando o tamanho da emoção. Após chegar no final em que todos comeram o livro, de forma natural eles pularam em cima do livro, uma ação brincante conciliada com a leitura e o objeto livro, ao final do contar.

Houve mais uma surpresa após chegar na última página da história, que foi quando viram os elementos pós-textuais em que constava a ilustração de retratos dos autores e ilustradores do livro. Ficaram encantados em ver os rostinhos deles, em desenho, retratados como os responsáveis pelo livro que havíamos criado juntos. Além de também conhecer as outras integrantes do grupo por meio dos retratinhos que haviam sido feitos – o retrato deles e os nossos juntos e conectados.

Figura 35 – Frame do vídeo da contação do *Nosso Livrão* versão final – reação das crianças



Fonte: Lari Tomas, 2021.

A construção da oficina recebeu inspiração na oficina de Fernando Vilela, “O Livro Ilustrado como Experiência”, bem como na leitura dos ensaios de Walter Benjamin, em conjunto com as experiências individuais das integrantes de trabalharem com ilustração e terem vivido uma proposta de criar um livro na infância.

A ideia de levar recortes de fragmentos, para além das imagens prontas das revistas, provém da observação que Walter Benjamin faz em seu ensaio sobre ilustração:

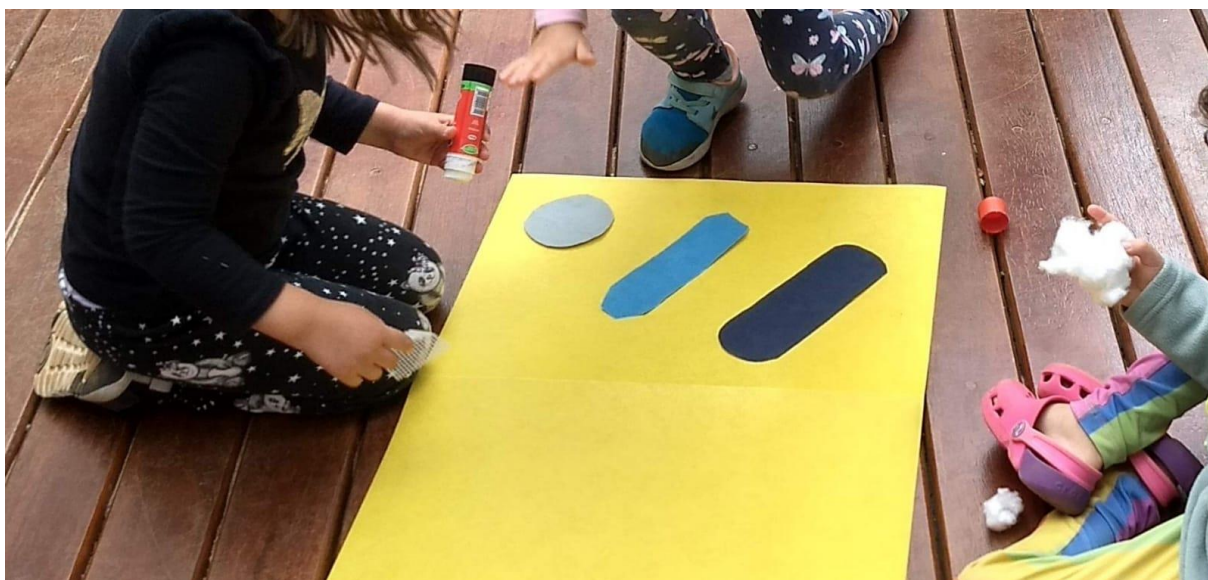
É ocioso ficar meditando febrilmente na produção de objetos – material ilustrado, brinquedos ou livros – que seriam apropriados às crianças. Desde o iluminismo é esta uma das mais rançosas especulações do pedagogo. Em sua unilateralidade, ele não vê que a Terra está repleta dos mais puros e infalsificáveis objetos da atenção infantil. E os objetos dos mais específicos. É que as crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou na marcenaria, da atividade do alfaiate ou onde quer que seja. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto e o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que estabelecer uma relação nova e incoerente entre esses restos e materiais residuais. Com isso as crianças formam seu próprio mundo das coisas, um pequeno mundo inserido no grande. Um tal produto de resíduos é o conto maravilhoso, talvez o mais poderoso que se encontra na história espiritual da humanidade: resíduos do processo de constituição e

decadência da saga. (BENJAMIN, 2009, p. 57-58).

A proposta de fazer colagens nas páginas em duplas foi um guia para ilustrar e criar as histórias no dia seguinte. Foi muito interessante, pois algumas crianças brincavam com os retalhos no próprio corpo antes de colarem nas páginas. Teve uma das crianças que pegou um retalho e passava pelo seu corpinho imaginando que era um curativo para os seus “dodóis”, e no fim colou na página. No dia seguinte, na hora de construir a história, lembrou e incluiu isso na sua narrativa. Algumas duplas brincavam com os retalhos e passaram um monte de cola no papel, mas sem colocar qualquer fragmento, na folha só restou o rastro da cola depositada e uma lembrança de um dia de brincar.

Se, além disso, fizemos uma reflexão sobre a criança que brinca, poderemos falar então de uma relação antinômica. De um lado, o fato apresenta-se da seguinte forma: nada é mais adequado à criança do que imitar em suas construções os materiais mais heterogêneos — pedras, plastilina, madeira, papel. Por outro lado, ninguém é mais casto em relação aos materiais do que as crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras. (BENJAMIN, 2009, p. 92).

Figura 36 – Crianças fazendo brincando de colagem coletiva



Fonte: Lari Tomas, 2021.

Além disso, as crianças criaram algumas palavras como P A P O M E N T U e “lélego de falar”, não sabíamos o que significavam e mesmo perguntando elas repetiam as palavras inventadas, riam e entendiam-se entre si, como se fosse uma

brincadeira delas e somente delas. E foi muito interessante, pois não tínhamos a intenção de compreender tudo. Nesse ponto lembrei de bell hooks, apesar de ela estar num contexto da academia expondo sua experiência da diferença racial como ponto de domínio da língua e do espaço, acho que seu pensamento se aplica quando se reflete no domínio dos adultos sobre as crianças

Não surpreende que, quando alunos do meu curso de Escritoras Negras começam a usar uma língua e uma fala diferentes, os alunos brancos frequentemente reclamam. Isso ocorre particularmente quando se usa o vernáculo negro. Ele perturba os alunos brancos sobretudo porque estes podem ouvir as palavras, mas não compreendem seu significado. Pedagogicamente, estimulo-os a conceber como um espaço para aprender o momento em que não compreendem o que alguém diz. Esse espaço proporciona não somente a oportunidade de ouvir sem “dominar”, sem ter a propriedade da fala nem tomar posse dela pela interpretação, mas também experiência de ouvir palavras não inglesas. Essas lições parecem particularmente cruciais numa sociedade multicultural onde ainda vigora a supremacia branca, que usa o inglês padrão como arma para silenciar e censurar. (HOOKS, 2013, p. 230).

A maneira das crianças lerem e brincarem é algo importante de se observar para entender o seu desenvolvimento, bem como o da sociedade, pois segundo Walter Benjamin (2009) “[...] os seus brinquedos [...] são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo.”

Figura 37 – Crianças lendo e brincando com *Nosso Livrão* primeira versão analógica



Fonte: Lari Tomas, 2021.

Brincando de criar uma história ilustrada

Numa tarde de domingo, fui almoçar na casa da Jô, mãe da Teresa. Nesse dia a Mel, melhor amiga de Teresa, também estava lá, ambas têm quase 5 anos de idade. Geralmente quando me encontro com elas gosto de propor para desenharmos juntas, neste dia não foi diferente. Enquanto esperávamos o almoço ficar pronto ficamos pintando com os gizos pastéis da Jô.

Figuras 38 e 39 - Brincando de criar uma história ilustrada.



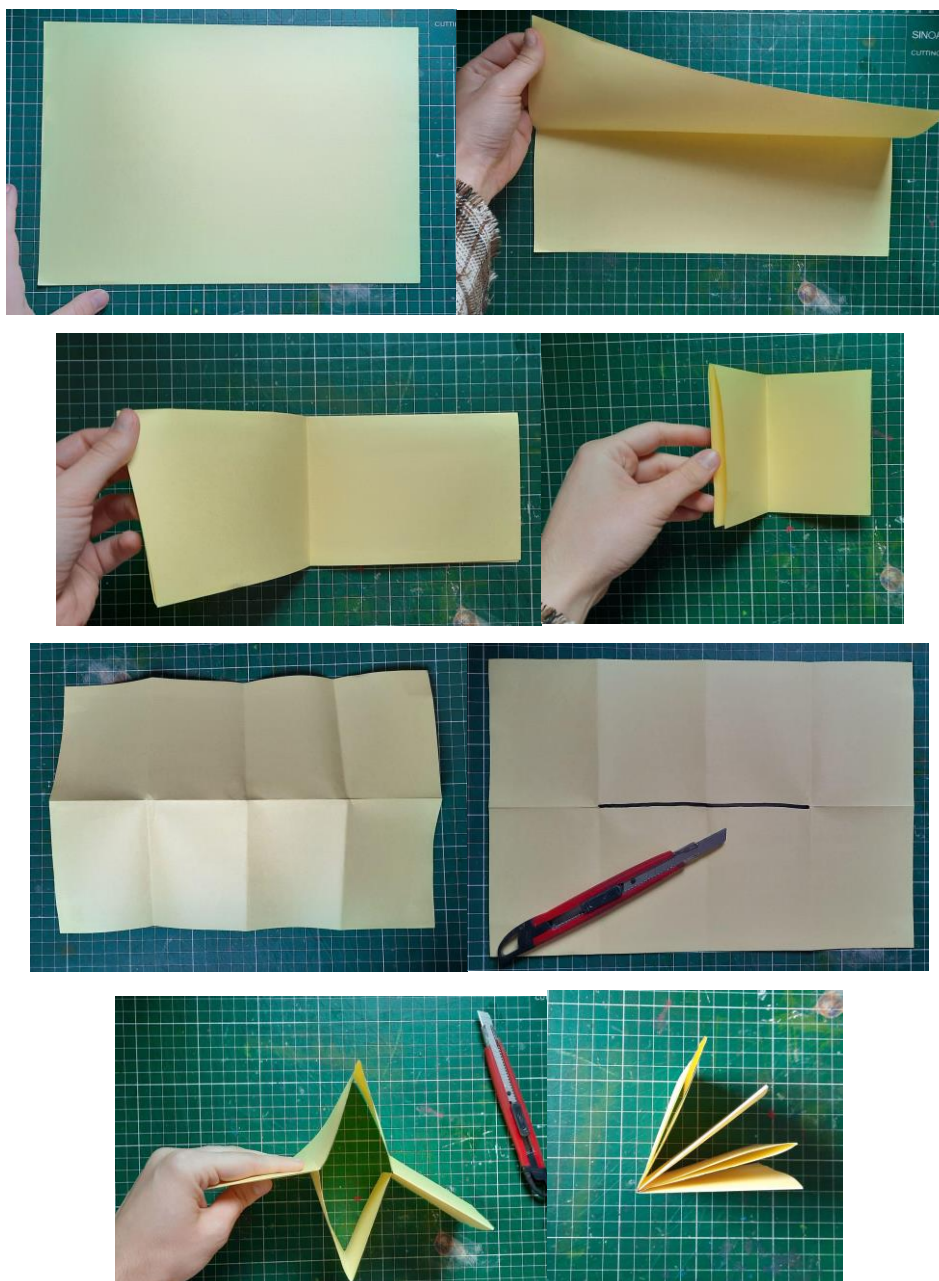
Fonte: acervo pessoal, 2022.

Por estar estudando sobre livros ilustrados e pensando na valorização das narrativas em diversos suportes e formatos, fiz a seguinte sugestão para elas: fazer livrinhos juntas, sendo que cada uma teria o seu com a história delas ilustrada por mim. Para pensar num formato livro que fosse pequenininho me recordei da aula de “Desenho I” em que o professor Dr. José Spaniol ensinou a fazer um zine com apenas uma folha sulfite tamanho A4. O termo zine vem de *magazine*, revista em inglês, um suporte simples e independente para diversos fins, como uma auto publicação e expansão de criatividade, tornando-se popular para a divulgação de trabalhos artísticos, literários e outras expressões. Para fazer a zine, basta uma folha de papel na qual serão feitas dobras com um corte que a permite virar uma pequena revista, ou talvez um pequeno livrinho.

Então mostrei como se faz um zine, apresentando para elas como um pequeno livro. Comecei com a Mel, eu desenhava enquanto ela narrava a sua história, eu

perguntava como eram os elementos, as cores e eu também colocava suas falas na cena. Eu apenas a limitava quando dizia que não caberia, então ela pensava em outra forma de dizer para caber. Depois, fiz o mesmo com a Teresa. Finalizado e ambas de livrinhos em mãos, quiseram mostrar para as outras pessoas a história delas. Notei que apesar delas ainda não terem desenvolvido por completo a leitura das palavras, como elas mesmas tinham criado a história sabiam cada etapa e falavam exatamente em conjunto com a ilustração.

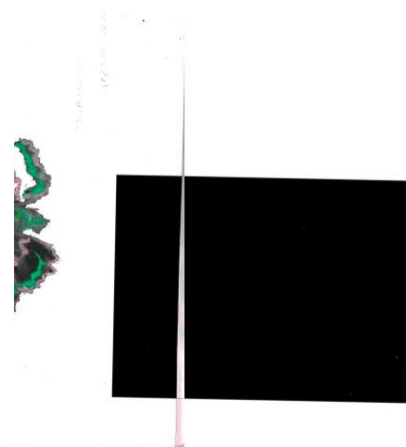
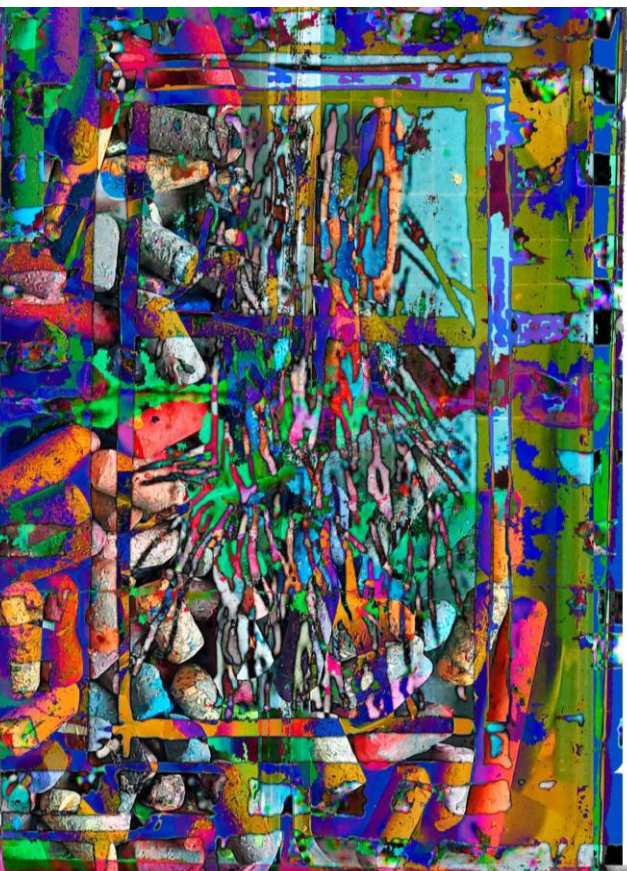
Figuras 40 a 48 - Etapas de dobraduras de uma folha A4 para fazer uma zine.



Fonte: acervo pessoal, 2022.

Foi muito divertido e gostoso criar junto com elas, era perceptível no rosto de cada uma a relevância de brincar e reconhecer as suas histórias.

A criação pertence ao mundo do prazer e ao universo lúdico: um mundo que se mostra um jogo sem regras. Se estas existem, são estipuladas pelo artista, o leitor não as conhece. Jogar é sempre estar na aventura com as palavras, formas, cores ou movimentos. O artista vê-se diante das possibilidades lúdicas de sua matéria-prima. (SALLES, 2004, p. 85).



Ideia de oficina: caderninhos autorretratos

A arte é social
porque toda obra de arte
é um fenômeno de relação
entre seres humanos

Mário de Andrade

O processo de criação mostra-se, também, como uma tendência para o outro. Está em sua própria essência a necessidade de seu produto ser compartilhado (CARLOS FLUENTE, 1989).

A voz do poeta é sempre social. (OCTAVIO PAZ, 1982).

É necessário entrar na complexidade da constatação de que a criação é um ato comunicativo. (SALLES, 2004, p. 41)

Tenho a ideia e o desejo de aplicar uma oficina a partir de toda a elaboração retratada ao longo deste trabalho, unindo tudo o que foi aprendido e despertado neste pequeno diário de uma vida universitária na licenciatura em artes visuais. Já que o caderno artesanal foi usado como recurso metodológico dentro e fora da sala de aula para criar conexões entre as pessoas, torna-se então uma ferramenta mediadora entre os indivíduos ao possibilitar suas diversas funções, passando como caderno, diário, livro e caderno de artista.

Com o propósito de autoconhecimento e reconhecimento dos conteúdos abordados em sala de aula, maneira de apreender por meio da afetividade e sensibilidade despertadas pelas materialidades possíveis – texturas e formatos – suportes memoráveis, memoráveis suportes escolhidos pelo próprio olhar e que ganham sentido.

O caderno seria costurado com os mais diversos papéis, que de preferência não sejam brancos, já que a proposta é que as páginas já possuam “conteúdo” ou remetam a coisas importantes para os sujeitos. A analogia que trago aqui é que o estudante não é uma página em branco (VYGOTSKY, 2010), então começa a se apresentar por meio das escolhas de suas páginas, que recebem depois mais camadas conforme são preenchidas ao longo do semestre de aulas:

Nada é mais falso do que a concepção sobre a criança que dominava na velha pedagogia, segundo a qual a criança é representada por uma folha em branco, ou seja, por um conjunto absolutamente puro de

potencialidades que ainda não conseguiram de maneira alguma concretizar. Pensar assim significa apagar não só todos os processos de formação e nascimento da criança humana mas o imenso caminho da evolução orgânica que redundou na elaboração e na criação da natureza humana. De antemão é claro que nem um e nem outro processo podem ser excluídos do campo da atenção e ainda assegura inverossímil que o resultado de tais processos tenha sido a pobre alternativa de que nada haja sido superado pelo caráter desses processos. (VYGOTSKY, 2010, p. 420).

O estudante participando de todas as etapas de criação estará se reconhecendo no produto final como Marilena Chauí (2012) em seu “Ensaio sobre o Direito à Preguiça”, em que discorre sobre o fato de o trabalho ser uma dimensão humana, que porém é apropriada de maneira alienar, ela afirma que isso ocorre quando é feita a divisão do trabalho em etapas, de forma que o trabalhador não se reconheça no produto final.

O que é o trabalho alienado? Para entendê-lo, é preciso, primeiro, lembrar que, para Marx e Lafargue, o trabalho, em si mesmo, é uma das dimensões da vida humana que revela nossa humanidade, pois é por ele que dominamos as forças da natureza, é por ele que satisfazemos nossas necessidades vitais básicas e é nele que exteriorizamos nossa capacidade inventiva e criadora — o trabalho exterioriza numa obra a interioridade do criador. Ou, numa linguagem vinda da filosofia de Hegel, o trabalho objetiva o subjetivo, o sujeito se reconhece como produtor do objeto. Para que o trabalho se torne alienado, isto é, para que oculte, em vez de revelar, a essência dos seres humanos, e para que o trabalhador não se reconheça como produtor das obras, é preciso que a divisão social do trabalho, imposta historicamente pelo capitalismo, desconsidere as aptidões e capacidades dos indivíduos, suas necessidades fundamentais e suas aspirações criadoras, e os force a trabalhar para outros como se estivessem trabalhando para a sociedade e para si mesmos. (CHAUÍ, 2012, Parte IV).

Trago a noção dessa relação de trabalho alienado em comparação com a educação bancária, e proponho então a produção de um caderno em que se participa de todas as etapas e escolhas das páginas com que haja maior identificação, com o intuito de romper com essa alienação, de modo que ocorra um reconhecimento de si no produto final, dando corpo ao caderninho auto retrato e ao conhecimento a ser registrado de maneira mais significativa. Passei a pensar muito no livro “Ensinando a Transgredir”, de bell hooks, onde a autora descreve um dos combinados que são recorrentes em todas as suas aulas: a feitura de um diário para reconhecimento do outro, bem como falar pelo menos uma vez na frente de todos do grupo:

Idealmente, o que todos nós partilhamos é o desejo de aprender — de receber ativamente um conhecimento que intensifique nosso

desenvolvimento intelectual e nossa capacidade de viver mais plenamente no mundo. Segundo minha experiência, um dos jeitos de construir a comunidade na sala de aula é reconhecer o valor de cada voz individual. Cada aluno das minhas turmas tem um diário. Muitas vezes, eles escrevem parágrafos durante a aula e os leem uns aos outros. Isso acontece pelo menos uma vez, qualquer que seja o tamanho da turma. E a maioria das minhas turmas não é pequena. Têm de trinta a sessenta alunos, e houve circunstâncias em que dei aula para mais de cem. Ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala. Alguns deles se ressentem de ter de dar uma contribuição verbal; por isso, tenho de deixar claro desde o princípio que isso é um requisito nas minhas aulas. Mesmo que a voz de um dos alunos não possa ser ouvida por meio da fala, ele faz sentir sua presença por meio da “sinalização” (mesmo que ninguém consiga ler os sinais). (HOOKS, 2013, p. 58).

Levando isso em consideração, a criação de um caderninho auto retrato seria uma forma de produzir esse diário de reconhecimento do estudante na sala de aula, e acrescentaria na comunidade do conhecimento aquilo que cada um tem a compartilhar sobre sua história e seus entendimentos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância dos relatos pessoais está no fato de que eles facilitam o reconhecimento dos sujeitos, trazem consigo aprendizados com relação à forma de compreender o mundo e a si, e dessa maneira transmitem um pouco do que se observou para quem os lê. Além de proporcionarem uma abertura para o outro, de tal forma que a experiência pode ser mais significativa e o aprendizado se dê em coletivo, sem dominação e sim com compreensão mútua, a fim de tornar o conhecimento mais próximo e palpável.

É produtivo, muitas vezes, que os professores sejam os primeiros a correr o risco, ligando as narrativas confessionais às discussões acadêmicas para mostrar de que modo a experiência pode iluminar nossa compreensão do material acadêmico. (HOOKS, 2013, p.36).

Não tem como negar que a narrativa traz um olhar pessoal e até às vezes autobiográfico, como faço neste trabalho, mas é preciso reconhecer também o valor desta como uma forma de transmissão de conhecimento ancestral.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade – é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime à narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar em seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (BENJAMIN, 1994, p. 205).

É importante ter em mente que se deve tomar certo cuidado quando nos referimos à História, como Chimamanda Ngozi Adichie ressalta ao falar do perigo de uma história única em seu TED Talks (2018)⁸. Só foi possível desenvolver este texto graças à formação oferecida em licenciatura em artes visuais no Instituto de Artes, que se voltou para a formação de um sujeito crítico e aberto para novos conhecimentos. A arte faz o papel de interdisciplinaridade de relações. A academia é

⁸ Disponível em

<https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=ptl>. Acesso em: 18 novembro 2022.

um lugar de validação das narrativas e uma forma de construir futuros possíveis com as descobertas. bell hooks chama atenção para esse lugar como um lugar de transformação de realidades:

A academia não é paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura de mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade. (HOOKS, 2013, p. 273).

A formação em licenciatura não forma o sujeito apenas para transmitir o conhecimento, mas para aprender a se relacionar com o outro. Compreendo que o tempo todo estamos aprendendo, seja com professores, livros, crianças, idosos ou acadêmicos, já que todos têm o seu papel de transformação.

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – e a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade. (HOOKS, 2013, p. 50).



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. 2018 Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>. Acesso em: 18 nov. 2022.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. RJ: Editora Alfaguara, 2016.

BENJAMIN, Walter, 1892-1940. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. tradução, apresentação de Marcus Vinicius Mazzari; posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a Arte**. 4º edição. São Paulo: Editora ática, 1991.

BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. **Plano de ensino: disciplina LAV6750TER10 - Didática Geral. Curso BLAVL15 - Licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Artes da UNESP**, 2021.

BREDARIOLLI, Rita. **Conversações sobre o arco íris: a ilustração (e outros atos de cognoscibilidade) como tradução, configurações para possíveis poéticas de mediação**. Texto recebido por Whatsapp em 16 de fevereiro de 2022.

CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis**. tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1990.

CHAUÍ, Marilena. Sobre o direito à preguiça. **Artepensamento**, Instituto Moreira Sales, 2012. Disponível em: <<https://artepensamento.ims.com.br/item/sobre-o-direito-a-preguica/>>. Acesso em: 03 out. 2022.

FERNANDES, Renata Sieiro. **Entre nós, o sol: relação entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não-formal**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2001.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, RJ. N°19. Página 20 a 28. 2002

MEIRELES, Cecília. **Poesias completas Volume IX. Poemas de viagens (1940-1962). Poemas Italianos (1953-1956). O estudante Empírico (1959-1964)**.. Texto estabelecido por Darcy Damasceno. 2º Edição. RJ: Editora Civilização Brasileira, 1979.

MELOT, Michel. **A sabedoria do bibliotecário**. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Ateliê editorial e Edições Sesc São Paulo, 2019.

PADRES, Anita Novaes. **Trajetórias de um fio de rio: narrar por imagens no contexto do livro ilustrado**. 2019. 228p. Dissertação (mestrado em artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/191050>>.

RANCIERE, Jacques. **Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. 3 edição, 2 reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado: processos de criação artística**. 2ª edição. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1989.

UNESP. Instituto de Artes. Departamento de Artes. Plano de Ensino: BLAVL15 - Licenciatura em Artes Visuais: LAV7742QUI10 - Prática de Ensino de Artes Visuais II. São Paulo: UNESP - Instituto de Artes, [s.d.] b. Disponível em: <https://sistemas.unesp.br/academico/publico/documento.action>. Acesso em: 18 nov. 2022. Documento oficial da Graduação da UNESP, com autenticação eletrônica.

VIGOTSKY, L.S. **Psicologia Pedagógica**. Tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. 3a edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.



BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

A Felicidade das Pequenas coisas. Diretor: Pawo Choyning Dorji. Roteiro: Pawo Choyning Dorji. Cinematografia: Jigme Tenzing. Butão: Films Boutique, 2019.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

BARROS, Manoel de. **Arranjos para assobio.** RJ: Editora Alfaguara, 2016.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças.** RJ: Editora Alfaguara, 2016.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas.** RJ: Editora Alfaguara, 2018.

BAUM, Lyman Frank. **O mágico de Oz.** Tradução e adaptação por Manuela Garanhani Lopes de Melo. Cotia: Editora Pé de Serra, 2019.

BIOY CASARES, Adolfo. **A Invenção de Morel.** Romance adaptado para quadrinhos por Jean Pierre Mourey. Tradução de Alexandre Boide. Porto Alegre: LEPM, 2014.

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph.** Tradução: Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BUZZATI, Dino. **A famosa invasão dos ursos na Sicília.** Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Berlendis e Vertecchia Editores, 2001.

CALABRESE, Omar. **Como se lê uma obra de arte.** tradução Antônio Maia Rocha. Lisboa: Edições 70, 1993.

CALVINO, Italo. **Fábulas Italianas:** coletadas na tradição popular durante os últimos cem anos e transcritas a partir de diferentes dialetos. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas.** ilustrações de John Tenniel; tradução e posfácio de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora 34, 2015.

CUNHA, M. V. **Freud:** Psicanálise e Educação. Rio de Janeiro: Editora Lampari, 2008.

DERDYK, Edith. **Entre ser um e ser mil:** o objeto livro e suas poéticas. São Paulo: Editora SENAC, 2013.

DICKENS, Charles. **O conto de duas Cidades.** tradução Sandra Luzia Couto. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2002.

PRADES, Dolores. Livro tem idade? **Revista Emília**, 02 de out. de 2012. Polêmicas e Reflexões. Disponível em: <https://emilia.org.br/livro-tem-idade/>. Acesso em:

03 out. 2022.

PRADES, Dolores. Livro sem idade. **Revista Emília**, 15 de out. de 2012. Disponível em: <https://emilia.org.br/livros-sem-idade/> Acesso em: 03 out 2022

DOMINGUES, Petrônio. **Cultura popular**: as construções de um conceito na produção historiográfica.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Pequeno Herói**. Tradução, posfácio e notas de Fátima Bianchi; xilogravuras de Marcelo Grassmann - São Paulo: Editora 34, 2015.

ERBER, Laura. **Precisamos falar sobre imagens**. Por Colaboração especial, 2014.

FELTRE, Camila. **Experiências com livros que exploram a sua materialidade**: mediações e leituras possíveis. 2015. 295 p. Dissertação (mestrado em artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/132012>>.

FONSECA, Rubem. **Secreções, excreções e desatinos**. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2001.

GILMORE, Robert. **Alice no país do quantum**: uma alegoria da física quântica. tradução André Penido; revisão técnica Ildeu de Castro Moreira. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

HANSEN, João Adolfo. **O que é um Livro?** São Paulo: Ateliê editorial e Edições Sesc São Paulo, 2019.

IMARISHA, Walidah. **Reescrevendo o futuro**: usando a ficção científica para rever a justiça. Tradução Jota Mombaça. Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32a Bienal de São Paulo - Incerteza Viva. 2016

JOYCE, James. **Ulisses** [recurso eletrônico] / James Joyce; tradução Bernardina da Silveira Pinheiro ; [seleção, elaboração e tradução das notas de capítulos Flavia Maria Samuda]. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. recurso digital

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da ficção**. tradução de Luciana Chierigati, Vivian Chierigati Costa; introdução de Juliana Fausto; posfácio de Luciana Chierigati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

LEONEL, Priscila. **Museu dos afetos**: uma cerâmica que afeta, cura e conecta à ancestralidade. 2021. 367p. Dissertação (Doutorado em artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2021. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/216266>>.

LEONEL, Priscila. **Ateliê - Território da Artista**: relacionando arte, território, ancestralidade negra e memórias. Palíndromo, Florianópolis, v. 12, n. 27, p. 248-265, 2020. DOI: 10.5965/2175234612272020248. Disponível em:

<<https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/16578>>. Acesso em: 14 maio. 2022.

LEWIS, Roy. **Por que almocei meu pai**. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1993.

MAISTRE, Xavier. **Viagem ao redor do meu quarto**. Tradução Veresa Moaraes; pós-fácio de Enrique Vila Matas - São Paulo: Editora 34, 2020.

MEURER, Pedro.O. **A Troca**. Texto recebido por Whatsapp em de junho de 2020 .

MEURER, Pedro.O. **Elucubrações**. Texto recebido por Whatsapp em de maio de 2020.

MEURER, Pedro.O. **Mãe**. Texto recebido por Whatsapp em de abril de 2020.

MYRIAM Valero, Christophe Destombe et Luz Valeria Oppliger. Illustrations Valérie Valéro . **Alice et la forêt d'algues**. Avec la participation de Mathilde Van Nieuwenhove. Impression: Pollina, Luçon (85) - 84712. Dépôt Légal 2º trimestre 2018.

MORLEY, Helena. **Minha Vida De Menina**. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2016.

OCAMPO, Silvina. **A fúria e outros contos**. tradução Livia Deorsola ; posfácio Laura Janina Hosiasson. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Título original: La furia y otros cuentos

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. Editora Perspectiva: São Paulo, 2013.

SANT'ANNA, Renata. PRATES, Valquíria. **Frans Krajcberg**: a obra que não queremos ver. 2a edição, São Paulo: Paulinas, 2007.

SARAMAGO, José. **A Conto da Ilha Desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SORDET, Yann. **Da argila a nuvem**: Uma história dos catálogos de Livro (II milênios - Século XXI) São Paulo: Ateliê editorial e Edições Sesc São Paulo, 2019.

SOUZA, Eduardo. Por que imagem não é literatura? **Revista Emília**. 28 de abril de 2019. Disponível em: <https://emilia.org.br/por-que-imagem-nao-e-literatura/> Acesso em: 03 out. 2022.

SUZUKI, Clarissa. **Cadernos de artista**: páginas que revelam olhares da arte e da educação. Dissertação (mestrado em artes) - Universidade de São Paulo na Escola de Comunicações e Artes, 2014. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-08062015-124306/pt-br.php>>

TOKARCZUK, Olga; CONCEJO, Joanna. **A alma perdida**. Título original: Zgubiona dusza. Tradução: Gabriel Borowski. São Paulo: Todavia, 2020.

VELASQUEZ, Carolina Suarez Copa Y Castro; ZECHINATO, Bianca Panigassi. **Tessitura Criativa**: O Artista Educador Como Propositor De Processos. Comitê de Educação em Artes Visuais. 24º encontro da Anpap: Compartilhamento na Arte: Redes e conexões. 2015.



ANEXOS

21/11/2022 16:13

Cadernos artesanais

Cadernos artesanais

Este presente formulário tem como objetivo recolher relatos de experiências das pessoas que produzem cadernos artesanais em especial aqueles que foram encomendados e usados nesses anos pela Alice Bombardi, para ser incluso em seu TCC de licenciatura em artes visuais.

Nome (Pode ser nome artístico)

Malu Macedo

Mini bio

Geminiana, apaixonada por trabalhos artesanais e fundadora da marca Papel à Mão

Poderia falar um pouco da sua formação seja ela formal, informal e não formal.

Graduação em andamento (arquitetura e urbanismo)

Como aprendeu a fazer encadernação artesanal?

Fiz um livreto pela primeira vez para um trabalho na faculdade, depois comecei a explorar sozinho (pegando tutoriais na internet) e, mais pra frente, aprofundando nas técnicas com aulas.

Fez cursos de encadernação?

Sim, fiz 2 aulas particulares de encadernação, uma para aprender a costura copta e outra para costura francesa (e aprendi várias dicas valiosas nas aulas também)

21/11/2022 16:13

Cadernos artesanais

Desde quando você começou a produzir cadernos artesanais?

Comecei no início de 2019

Por quais motivos iniciou a confecção de seus próprios cadernos?

Eu sempre gostei muito de produzir itens artesanalmente (bijuterias, fantasias, desenhos) e quando entrei na faculdade me aproximei da encadernação e curti muito! Comecei fazendo para uso próprio, mas depois percebi que poderia ser algo útil para os outros e que fornecesse uma fonte de renda, então o hobby se expandiu para o trabalho

Você acha que sua trajetória e formação foram responsáveis para você começar a produzir cadernos artesanais? Se sim, sabe citar algo em específico?

Com certeza! Apesar de curtir muito produções artesanais, nunca tinha pensado em fazer cadernos exatamente. Na faculdade de arquitetura temos algumas matérias que envolvem composições gráficas em livretos e esse foi meu primeiro contato com encadernação artesanal. O primeiro trabalho foi para estudar algumas técnicas como tipografia, serigrafia, colagens e, para a entrega final, juntávamos as artes em um caderno.

Quando iniciou o surgimento da marca?

Se quiser trazer um contexto

Começou no final de 2018, quando eu estava com muita vontade de começar a ter uma fonte de renda própria, mas não via muito espaço para conciliar um estágio com a faculdade integral. Então comecei a explorar outras opções, fiz alguns cadernos para uso pessoal e no início de 2019 veio a ideia de montar a marca. No início era um trabalho mais simples, tanto em escala quanto em diversidade de cadernos e a partir de 2020 foi ganhando mais forma.

Qual ou quais diferenças você acredita que existe entre os cadernos artesanais e os industriais?

Os cadernos artesanais oferecem mais liberdade! Você consegue compor com folhas de cores diferentes, materiais diferentes, costuras combinadas, unir técnicas - é como se o caderno, mesmo sem nada escrito ou desenhado dentro dele, já tivesse uma personalidade, uma alma. Os cadernos industriais raramente oferecem diversificação, são mais limitados a cumprir sua função técnica.

21/11/2022 16:13

Cadernos artesanais

Você reconhece um pouco de si em suas produções?

Com certeza rs a escolha das cores, estilo de costura, tipos de materiais, a forma como registro os produtos em fotos e vídeos, como divulgo nas redes sociais, tudo expressa muito da minha personalidade!

As escolhas das características da sua produção como cores dos papéis, tipo de costura, finalização da capa, folhas guardas tem alguma relação com você e seus gostos pessoais?

Muito!

Antes de conhecer a encadernação artesanal você tinha a dimensão das etapas de produção?

Não fazia ideia das etapas e processos antes de começar a fazer encadernação artesanal

Você usou cadernos artesanais antes de começar a produzir? Se sim, sente que isso foi uma inspiração para você?

Usei sim! Na faculdade tem uma papelaria que vende alguns cadernos produzidos pelos alunos e eu comprei alguns no início do primeiro semestre. Era um caderninho um pouco menor que o tamanho A5, encadernação brochura, capa em tecido - a coisa mais linda! Com certeza foi fonte de inspiração para minhas produções mais pra frente.

Quais são suas referências e inspirações? Algo ou alguém.

Minha professora (@aroeiraatelie), fotos com uma vibe mais minimalista do pinterest, cores e texturas mais naturais, minhas clientes (que com feedbacks e pedidos acabaram me estimulando a criar muitos dos modelos que produzi)

Após começar a produzir continua a usar outros cadernos de outras pessoas ou industriais?

É mais raro, mas uso se ganho de presente ou brinde. A maioria dos que uso no dia a dia foi produção própria mesmo.

21/11/2022 16:13

Cadernos artesanais

Você gosta de receber devolutiva das pessoas que compram os seus cadernos? Como por exemplo eles sendo preenchidos.

Amooo! Os cadernos são lindos finalizados, mas quando são preenchidos pelas clientes dá outra energia! E eu amo ver as diferentes possibilidades de uso do mesmo modelo e os cadernos sendo usados em ocasiões especiais (casamentos, aniversários, diários, para presentear alguém querido)

O que você mais gosta no processo de produção da encadernação?

Eu gosto muito da possibilidade de unir diferentes papeis (e dar uma experiência super diferente de um 'caderno tradicional') e adoro a parte de costurar o miolo (ver os nozinhos firmando e o caderno ganhando forma rs)

Você acredita que o ato de confeccionar te ensinou algo? Se sim, gostaria de compartilhar?

Sim, a confecção me ensinou a organizar etapas (planejar a capa que eu iria querer antes de costurar, fazer combinação de materiais etc) e também a estimular meu processo criativo (idealizar uma coisa, esboçar como poderia ser feita, testar)

Você indicaria para as pessoas experimentarem o ofício de encadernar como uma experiência? Justifique por favor.

Com certeza. Usufruir da experiência de testar combinações diferentes, estimular coordenação motora, e depois ainda ter um caderno próprio para usar do jeitinho que quiser!

Obrigada de coração!!!! <3

Obrigada você por existir no mesmo espaço tempo que eu, xuxuzinha! Você é uma mulher, artista, amiga maravilhosa e inspiradora! Parabéns pela dedicação e por se permitir explorar suas paixões.

Este formulário foi criado em Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Google Formulários

21/11/2022 16:13

Cadernos artesanais

Cadernos artesanais

Este presente formulário tem como objetivo recolher relatos de experiências das pessoas que produzem cadernos artesanais em especial aqueles que foram encomendados e usados nesses anos pela Alice Bombardi, para ser incluso em seu TCC de licenciatura em artes visuais.

Nome (Pode ser nome artístico)

NÓ Processos Manuais

Mini bio

A NÓ Processos Manuais é um ateliê de encadernação estruturado desde 2020, interessado em pesquisar técnicas, papéis e materiais diversos para a confecção de cadernos, livros de artista e caixas especiais. Todas as produções são feitas à mão pela sua responsável, Diana Lanças - que é artista visual e faz cadernos desde 2015.

Poderia falar um pouco da sua formação seja ela formal, informal e não formal.

Eu, Diana, sou formada em artes visuais pela UNICAMP. Porém considero que as experiências não-formais pelas quais passei são bastante expressivas pra minha formação. Além de artista e encadernadora, também sou educadora, e acredito muito na potência da educação não formal. Desde oficinas e projetos sócios-culturais até pequenas interações no ponto de ônibus, ou a relação que construímos com nossos pares, tudo é processo de aprendizado.

Como aprendeu a fazer encadernação artesanal?

Quando eu estava no primeiro ano da faculdade, sentada com meus colegas na frente do IA, um amigo começou a desenhar num caderno muito diferente de todos os cadernos que já tinha visto. Perguntei pra ele sobre, e ele disse que ele mesmo o tinha feito. Fiquei muito intrigada, pois, no auge dos meus 19 anos, nunca tinha pensado na possibilidade de fazer um caderno, ao invés de comprar. Ele disse que tinha feito seguindo um tutorial no youtube, e que era muito simples. Daí em diante eu comecei a fazer meus próprios cadernos de desenho, pesquisando e seguindo tutoriais de forma autônoma.

21/11/2022 16:13

Cadernos artesanais

Fez cursos de encadernação?

Como relatei acima, minha formação como encadernadora é autodidata. Mas em 2020, quando decidi formalizar, de alguma maneira, meu trabalho como encadernadora, fiz um curso online com o Pablo, do O Velho Livreiro. Foi muito importante para aprimorar questões de acabamento e me apropriar de alguns princípios da encadernação.

Desde quando você começou a produzir cadernos artesanais?

Desde 2012, depois daquele episódio com meu amigo no gramado do IA, faço meus próprios cadernos. Mas produzir para comercializar é desde 2015. E desde 2020 que estruturei a NÓ Processos. Então são aí 10 anos de caminhada.

Por quais motivos iniciou a confecção de seus próprios cadernos?

Desde adolescente sou fascinada com a filosofia do DIY (do it yourself) e com a possibilidade de termos mais autonomia, de entender de onde as coisas vêm e como elas são feitas. Acho que isso, misturado à necessidade de ter cadernos de desenho e eles serem muito caros de se comprar nas lojas, são os principais motivos de eu ter começado a confeccionar os meus próprios.

Você acha que sua trajetória e formação foram responsáveis para você começar a produzir cadernos artesanais? Se sim, sabe citar algo em específico?

Sim, acho que tudo o que já relatei responde essa pergunta: interesse pelo DIY, fazer faculdade de artes e ter a necessidade de sempre ter um caderno comigo, o episódio com meu amigo, tudo isso.

Quando iniciou o surgimento da marca?

Se quiser trazer um contexto

Em 2020, no meio da pandemia. Desde os últimos anos da graduação eu trabalho como educadora em contextos não-formais: dando oficinas, fazendo mediação em espaços expositivos, etc. e com o início da pandemia essas atividades ficaram paralisadas, pois dependem de interação com o público. Então, me vendo numa situação complicada, em termos de trabalho e remuneração, decidi formalizar a venda dos cadernos, que já rolava informalmente desde 2015, e inventei a NÓ Processos Manuais.

21/11/2022 16:13

Cadernos artesanais

Qual ou quais diferenças você acredita que existe entre os cadernos artesanais e os industriais?

Antes de tudo, eu acho que os cadernos artesanais, quando bem feitos, têm uma qualidade muito superior aos industriais. No que diz respeito a acabamento, materialidade, e durabilidade também. Sem falar que é muito mais legal um caderno ser feito por uma pessoa do que por várias máquinas. Acho que uma analogia boa é com comida: uma lasanha caseira, com massa e molho "de verdade" é muito mais gostosa do que uma lasanha congelada industrializada.

Você reconhece um pouco de si em suas produções?

Sim, acredito que a NÓ tem uma proposta estética que tem muito a ver comigo e com minha pesquisa enquanto artista visual no campo da pintura.

As escolhas das características da sua produção como cores dos papéis, tipo de costura, finalização da capa, folhas guardas tem alguma relação com você e seus gostos pessoais?

Sim, acredito que a NÓ tem uma proposta estética que tem muito a ver comigo e com minha pesquisa enquanto artista visual no campo da pintura.

Antes de conhecer a encadernação artesanal você tinha a dimensão das etapas de produção?

Não

Você usou cadernos artesanais antes de começar a produzir? Se sim, sente que isso foi uma inspiração para você?

O primeiro caderno artesanal que tive fui eu quem fiz. Mas com certeza as produções de outras pessoas são inspiração e material de estudo.

21/11/2022 16:13

Cadernos artesanais

Quais são suas referências e inspirações? Algo ou alguém.

O Guilherme, meu amigo do caderno lá no gramado do IA, é a maior inspiração, né? De referência tem O Velho Livreiro e muitas pessoas que vejo na hashtag bookbinding no instagram rs.

Após começar a produzir continua a usar outros cadernos de outras pessoas ou industriais?

Depois que comecei a produzir cadernos, parei de usar cadernos. Casa de ferreiro, espeto de pau, né? É ruim, tenho que me forçar a usar cadernos, mas desde então eu uso muitas folhas avulsas, pedaços de refil que sobram da confecção dos cadernos.

Você gosta de receber devolutiva das pessoas que compram os seus cadernos? Como por exemplo eles sendo preenchidos.

Sim!!!!

O que você mais gosta no processo de produção da encadernação?

A parte da costura. E pensar e executar projetos de caixas.

Você acredita que o ato de confeccionar te ensinou algo? Se sim, gostaria de compartilhar?

Ah, com certeza. Acho que volta na coisa do DIY. Eu brinco com alguns amigos que somos "makers": gostamos de fazer as coisas, não de comprá-las. Tipo pão, caderno, bolo, roupas, móveis, cortar cabelo. Acredito que fazer coisas é um manifesto anti alienação industrial, é uma forma de empoderamento. Brinco com esses mesmos amigos que, se rolasse um apocalipse, a gente ia sobreviver lindamente.

Você indicaria para as pessoas experimentarem o ofício de encadernar como uma experiência? Justifique por favor.

Com certeza, é bem mágico fazer uma coisa com as próprias mãos. Durante o processo pode ser difícil, mas quando tá pronto e você se dá conta de que é uma coisa que você mesmo fez, do zero, é foda. É uma coisa direta e em primeira pessoa, bem diferente de comprar na loja, que tem o dinheiro intermediando. E é isso, tem uma dimensão política também, em saber fazer coisas - não ficar completamente dependente da indústria e do mercado.

21/11/2022 16:13

Cademos artesanais

Obrigada de coração!!!! <3

Imagina, Alice! Desculpa minha demora em responder. Espero ter contribuído para sua pesquisa. Um beijo

Este formulário foi criado em Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Google Formulários

Zines digitalizadas da Teresa e da Mel



Fonte: acervo pessoal, 2022